

CARLOS VERGARA

LIBERDADES

LIBERDADES
FREDERICO COELHO
p.3

POR UMA POLÍTICA
DA ARTE
MOACIR DOS ANJOS
p.13

HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO
DO COMPLEXO PRESIDÁRIO
FREI CANECA
MARISA S. MELLO
p.16

NIKON FM / D700;
F: 5.6; T: 32 ANOS
PAULO JABUR
p.18

AVALIAÇÃO DA PRISÃO
POR GESTORES E
ESTUDIOSOS
MARISA S. MELLO
p.20

O DE VIR
EDUARDO MASINI
p.23



LIBERDADES

FREDERICO COELHO

Claudia Saldanha
Diretora da EAV
Matr. 946816-6



DAS LUZES NASCEM AS TREVAS. A PRISÃO ILUMINISTA, COM SEUS CÓDIGOS LEGAIS E SUA DEGRADAÇÃO INEVITÁVEL, SUGERE ESSA IMAGEM CONTRASTADA ENTRE LUZ E SOMBRA, ENTRE CLARO E ESCURO. A RAZÃO QUE NOS DEU TODOS OS FUNDAMENTOS PARA A CRÍTICA MODERNA DO MUNDO

é a mesma razão que planejou um novo controle dos corpos através da castração de sua potência de vida. Presos, os homens infames devem aprender que nem todos podem viver além dos limites. Estar preso é estar só, mesmo ao lado de muitos. É viver contando os dias, rezando as horas, trançando panos.

Esta exposição, antes de tudo, exibe um espanto. Um espanto perante essa crise permanente de nossa condição humana que atravessa os séculos e o ofício de um artista. Em um mundo pleno de tragédias, o que pode falar a arte diante delas? Seguirá a garantia de ter apenas a si mesma como musa? Continuará afirmando o eco moderno do artista que separa o homem que sofre do homem que cria? Ou cederá ao recurso fácil do comentário ilustrativo como forma de registro político? Como enfrentar a questão da prisão e todos seus desdobramentos de forma visual? Carlos Vergara nos mostra que essas perguntas não são apenas retóricas de um texto de apresentação para mais uma exposição.

Para Vergara, o Complexo da Frei Caneca não era um cenário distante ou um mero problema social. Era parte de sua vista diária quando do alto de seu ateliê na rua Progresso, em Santa Teresa, via o vale do Catumbi encrespado pelo morro da Mineira, espetado pela cruz da Igreja de São Francisco de Paula e maculado pela prisão e seus pavilhões. Um dia, uma nuvem de poeira mudou para sempre sua vista sobre o vale, o mundo e a vida.

Assim, a implosão do Complexo arremessou Vergara em uma investigação sobre a nossa civilização e os pesadelos que nos habitam. Pois o fim físico da prisão não significa o seu fim histórico. Sua demolição não libertou os presos que lá estavam. Seu sumiço repentino não apagará o que foi impresso nos corpos dos que por lá passaram ou ficaram. Os trabalhos aqui expostos registram justamente as marcas agora extintas dos que lá estavam. Marcas da paciência do preso. Em toda a exposição, porém,

mesmo que tenhamos no preso seu personagem de fundo, não vemos pessoas, rostos ou homens encarcerados. O que Vergara nos apresenta são os resquícios, os rastros, os moldes dos corpos, o alarido das celas, as escritas do tempo, os trapos da fuga frustrada, os pôsteres das musas nuas colados nas paredes, os sinais indelévels da violência e da solidão.

Ao saber da implosão da Frei Caneca, Vergara percebeu que se não há como libertar a vida que dobrou a medida há, ao menos, como registrar o fim daqueles prédios através de suas histórias e destroços. Eles surgem acompanhados de improváveis cores que furam a escuridão dos seus pátios. Quando povoa com cores suas telas e desenhos e exibe a força imponente das grades amarelas como molduras da memória, Vergara está nos oferecendo um lugar para respirar dentro do tema sufocante. Temos em suas imagens as portas abertas para um espaço que nunca desejamos conhecer

Carlos Vergara nos escombros da demolição da Frei Caneca |
Carlos Vergara in the rubble after the demolition of Frei Caneca, 2010

“Para Vergara, o Complexo da Frei Caneca não era um cenário distante ou um mero problema social. Ele era parte de sua vista diária quando do alto de seu ateliê na rua Progresso, Santa Teresa, via o vale do Catumbi encrespado pelo morro da Mineira, espetado pela cruz da Igreja de São Francisco de Paula e maculado pela prisão e seus pavilhões. Um dia, uma nuvem de poeira mudou para sempre sua vista sobre o vale, o mundo e a vida.”

SEM TÍTULO | UNTITLED, 2011
Monotipia sobre lona crua |
Monotype on raw canvas
200,5 x 140,5 cm

e a possibilidade de não sucumbir completamente ao nosso projeto consciente de destruição do outro.

O público perceberá que esta exposição não traz um conjunto de obras estanques, fases ou frentes de interesses do artista a partir de um tema. Não há aqui variações estéticas ou estudos artísticos sobre a prisão. Não há cenários para efeitos e interpretações. Vergara nos oferece uma exposição-síntese da sua inquietação, um longo processo de trabalho que só se enxerga por inteiro, obra completa partida entre diferentes peças de um grande tabuleiro do Xadrez. Cada parte se relaciona a outras, como os lençóis amarrados em uma Teresa pronta para o escape da cadeia na calada da noite. Cada desenho, cada fotograma, cada monotipia, todas as obras têm vida própria e, ao mesmo tempo, ampliam sua potência em sua dimensão aberta, na medida exata em que afeta a todos nós.

A profusão de ideias que vemos nos variados suportes experimentados por Vergara não só mostram a vitalidade de um artista em plena forma, mas também afirmam a extensão desse afeto. As fotos utilizam outras lentes para o olho atento que sempre captou com suas máquinas as ruas e os vastos campos do mundo. Aqui, ele enquadra a solidão muda do espaço e mergulha no vazio desolador das celas vazias, dos escombros frescos, das armações de ferro em vísceras. São fotos apresentadas em suas várias possibilidades pictóricas, com jogos de escalas e desdobramentos desconcertantes em três dimensões. Vergara nos desloca dos rostos extasiados dos blocos de carnavais ou dos excessos imagéticos dos templos sagrados e nos coloca frente a frente com as ruínas rejeitadas de nossa história. Ele nos afasta do registro iluminado da fé e divide conosco esses buracos escuros do profano.

Se há algo que une o preso a todos os homens e os fazem filhos de Deus é justamente a pergunta que seu encarceramento ressoa em todos nós: como vivermos juntos sem aniquilar uns aos outros?



Os desenhos em aquarela – feitos na urgência que a mão pede quando o artista não está em seu ateliê – e seu desdobramento nas grandes telas são caminhos que o ajudaram a esvaziar a escuridão do tema investindo na profusão de cores e formas. Surgem pinturas em que a imposição da escuridão é sempre perfurada por uma luz cujo sol atravessa paredes inteiras. É a luz da janela que se tornou buraco depois da implosão dos prédios e invade o trabalho de Vergara. Essa mesma luz que criou a prisão e se apaga para sempre quando estamos dentro dela.

Em conversa com Vergara, ele lembra que os corredores da prisão se chamam galerias. Sobreposição radical de sinônimos para uma exposição com tal mote. Ao contrário das galerias de arte, sempre prontas para os olhos do mundo, as galerias da prisão não apresentam nada. Elas são pensadas para somente esconderem. Não há nada para ser visto. Eis aí o ponto alto do trabalho do artista: onde não há nada para ver, nada para admirar, no interior destruído dessas galerias que escondem, Vergara viu. O esvaziamento da cadeia para a implosão permitiu a Vergara adentrar a grande obra coletiva e

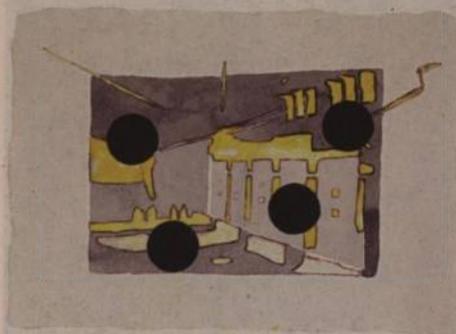
silenciosa que todos os presos fizeram nas paredes, celas e corredores, transformando essas galerias do presídio em galerias de uma estética agônica dos dias perdidos e da esperança vazia de sair do desaparecimento.

A implosão da Frei Caneca revelou uma explosão interna do próprio Vergara em relação a muitos pontos de sua longa trajetória. Em uma carreira de quase meio século voltado exclusivamente para o seu trabalho, ainda há descobertas a serem feitas e espantos como esse, que o leva a vislumbrar a prisão como o motor de uma indignação humanista. Uma prisão que amplia

seus muros para a vida cotidiana, para as relações sociais, para o embate do homem com o mundo e seus descabros cada vez mais banais. Um artista como Vergara chega ao momento em que sua arte e sua vida já não precisam mais do cordão de isolamento para justificar sua excelência. A arte deixa de ser vista como uma cadeia que cerca o pintor ou um muro de contenção que a protege da contaminação da vida e das massas. Aqui, ela se arrisca e ganha as cores e os horrores do mundo. Assim, Carlos Vergara transforma sua investigação em elemento construtivo de sua obra. Ao apresentar ao público todo um processo criativo, com suas inquietações e perguntas feitas ao longo do percurso, ele consegue articular a vida através da arte por novos caminhos. E isso, justamente quando se espera dele e de outros de sua geração que a arte não traga mais problemas para a vida.

Com este mergulho na prisão dos outros, o artista rompeu a sua própria cela e investiu contra o conforto. Conforto da arte, conforto dele mesmo e conforto do público. Eis uma exposição cuja potência dos trabalhos nos leva, juntos com Carlos Vergara, a um novo passo no abismo. O passo decisivo que, enfim, permite a ele dizer, alto e claro, a palavra-desejo que fica presa nas nossas gargantas quando confrontamos as imagens do seu trabalho: *Liberdade*.

Frederico Coelho é professor de literatura da PUC-Rio e pesquisador.



SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011
Desenho - aquarela sobre papel
Drawing - watercolor on paper
30 x 42 cm



SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011
Desenho - aquarela e nanquim sobre papel
Drawing - watercolor and indian ink on paper
30 x 42 cm



SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011 Carvão e dolomita pigmentada sobre lona crua | *Charcoal and dyed dolomite on raw canvas*, 190,6 x 216,5 cm
SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011 Pintura e cola PVC sobre lona crua | *Painting and PVC glue on raw canvas*, 180 x 180 cm





página ao lado | *opposite page*

(desenhos | *drawings*)

SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011

Aquarela e nanquim sobre papel
Watercolor and indian ink on paper
30 x 42 cm

SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011

Pintura, cola PVC, dolomita e
carvão sobre lona crua
Painting, PVC glue, dolomite and
charcoal on raw canvas
180 x 180 cm

nesta página | *on this page*

SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011

Monotipia e pintura sobre lona crua
Monotype and painting on raw canvas
191 x 217 cm



SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011
Instalação | *Installation*
Portas gradeadas com plotagem de fotografias,
material recolhido do Complexo Presidiário
Frei Caneca | *Barred doors with prints of
photographs, material collected from
Frei Caneca Prison Complex*







SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011
Pintura, monotipia e carvão sobre lona crua
Painting, monotype and charcoal on raw canvas
180 x 180 cm

SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011
Desenho - aquarela e nanquim sobre papel
Drawing - Watercolor and indian ink on paper
30 x 42 cm

página ao lado | *opposite page*
SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011
Pintura, monotipia e resina sobre lona crua
Painting, monotype and resin on raw canvas
130,5 x 186 cm



POR UMA POLÍTICA DA ARTE

MOACIR DOS ANJOS

**A RELAÇÃO ENTRE ARTE
E POLÍTICA É LONGA, E POR
MUITO TEMPO O SEGUNDO
TERMO FOI SOMENTE UMA
MANEIRA DE ADJETIVAR
O PRIMEIRO, SUPOSTAMENTE
DANDO-LHE PERTINÊNCIA E
IMPORTÂNCIA PARA ALÉM
DO CAMPO DA ESTÉTICA.
NESSA ACEPÇÃO, A ARTE
SERIA POLÍTICA AO INSCREVER,**

no âmbito do simbólico, imagens, textos e ideias surgidos em meio às permanentes disputas por poder no corpo social. No limite, uma "arte política" equivaleria à arte como propaganda, reproduzindo meramente algo que lhe seria externo e estranho. Por mais relevantes que sejam os temas e por mais bem intencionadas, as motivações presentes nas construções artísticas, uma arte que é somente acessória se torna, ao fim e ao cabo, desnecessária, ou apenas redundante.

Por subordinar a arte à política, fazendo da primeira somente instrumento da segunda, esse entendimento é incapaz de apreender o fato de que a arte tece e afirma, de modo irreduzível a outro campo qualquer do conhecimento, a sua política. Em vez de uma "arte política", portanto, é preciso insistir na potência de uma "política da arte".

A "política da arte" se expressa no poder que a criação artística tem de embaralhar as coordenadas sensoriais com que usualmente se experimenta o mundo, abrindo fissuras nas convenções e nos consensos que organizam tanto a vida pública como a íntima. E é por ser capaz de

desconcertar os sentidos, e de subjetivar esse desconcerto, que a arte pode, pelos próprios meios, reconfigurar os temas e as atitudes que se inscrevem nos espaços comuns de existência. É isso que assegura o lugar único que a arte ocupa na organização da vida e afirma sua capacidade de esclarecer e de reinventar as formas em que o mundo se estrutura.

A capacidade de ampla mobilização dos sentidos que a arte pode exibir está, assim, menos na explicitação inequívoca dos termos de uma situação em que tudo já se sabe e onde todas as posições já foram tomadas do que no reconhecimento de certo grau de *opacidade* próprio aos eventos a que alude e de como isso se traduz no próprio gesto criativo. É justamente por não ser transparente e perfeitamente traduzível em outros

meios que a arte pode tornar mais visíveis as fendas que abre na compreensão hegemônica do mundo e declarar como intolerável determinadas situações e o destino incerto de alguns. E se é verdade que o testemunho elusivo de situações de exclusão ou violência, ainda quando feito com contundência, faz muitas vezes da arte um enigma, esse é um enigma que não requer decifração, posto que é o espanto que causa, e não sua plena compreensão, que o torna relevante e necessário.

Insistir em sua própria política é, talvez, a maneira mais efetiva de a arte lutar contra as forças regressivas que habitam o corpo social, as quais teimam em suprimir a diferença e o dissenso. Sem jamais ceder ao aparente ou à propaganda, o mais que a arte pode fazer é, como afirma o filósofo

Jacques Rancière, aprofundar o desentendimento entre partes, dar visibilidade ao que antes não possuía, lembrar as fraturas do mundo: ativar, alargar e adensar um campo de recepção para a fala do subalterno e do excluído.

Moacir dos Anjos é pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco e foi curador da 29ª Bienal de São Paulo.



SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011
Monotipia e pintura sobre lona crua
Monotype and painting on raw canvas
190 x 216 cm

SEM TÍTULO | *UNTITLED*, 2011
Monotipia e pintura sobre lona crua
Monotype and painting on raw canvas
185,5 x 131 cm





HISTÓRIA DA CONSTRUÇÃO DO COMPLEXO PRESIDIÁRIO DA FREI CANECA

MARISA S. MELLO

O Complexo Presidiário da Frei Caneca, criado para ser a prisão modelo do Império brasileiro, foi uma das primeiras prisões penais da América Latina. Fruto das ideias iluministas e inspirada no conceito de pan-óptico, formulado pelo filósofo Jeremy Bentham, a prisão moderna permite que se observe o preso por todos os ângulos.

Primeiro, foi escolhido o local, de 64 mil metros quadrados, onde funcionaria a prisão, situado nas chácaras do Catumbi, região de mangues e pântanos, que ficava mais longe das ruas centrais da cidade. As obras duraram de 1833 a 1950 e contaram com a participação de presos que depois seriam abrigados naquele local. Foram construídos dois edifícios, o primeiro destinado à Sala de Correção e, alguns anos depois, em 1856, o segundo, reservado à Casa de Detenção para presos que aguardavam julgamento e de condenações curtas.

No início de seu funcionamento a Casa de Correção conseguia estabelecer contratos para as oficinas de trabalho, chegando até a enviar os sentenciados, principalmente escravos, às obras públicas da cidade. Com o tempo, esse

movimento diminuiu. Os presos eram divididos em duas categorias, criminal e correcional. A criminal, além da pena de prisão, contava com a obrigatoriedade do trabalho. A correcional era direcionada aos vadios, escravos e mendigos.

No Brasil do século XIX, por conta da escravidão, a privação da liberdade tinha uma função complementar e acessória de controle social dessa população, que mesmo depois da abolição continuou sendo criminalizada. Em 1890, logo após a proclamação da República, foi abolida a pena de morte, galés e açoite, e o Código Penal foi alterado.

Não houve mudanças significativas na organização dos estabelecimentos carcerários no século XIX, nem ao longo de todo o século XX e nesse mesmo sentido aponta o século XXI.

IMPLOÇÃO E DESATIVAÇÃO DO PRESÍDIO

ACONTECEM ENTRE 2003 E 2010,
COM A TRANSFERÊNCIA DOS
ÚLTIMOS DETENTOS
PARA BANGU

O fim do complexo penitenciário começou em 2003, com a demolição do presídio feminino Nelson Hungria, transferido para o Complexo de Bangu VI, e da escola de gestão penitenciária. Havia 3.204 detentos no total das instituições que o Complexo abrigava. Em 2006, foram desativadas e demolidas as penitenciárias Milton Dias Ferreira, Lemos de Brito e Romero Neto. Em março de 2010, foram abaixo mais oito prédios, com 600 kg de dinamite. Em julho do mesmo ano, foi implodido o presídio Hélio Gomes, para doentes mentais, o último do Complexo que ainda restava em pé.

MEMÓRIAS DO CÁRCERE

Foram diversos os testemunhos de presos na Frei Caneca ao longo de sua existência. Os primeiros relatos foram de presos políticos que se opuseram ao regime republicano: monarquistas ou defensores de outras propostas de república. Em seguida, interessaram-se pelo tema jornalistas, como João do Rio e Orestes Barbosa.

Durante o Estado Novo, de 1937 a 1945, Getúlio Vargas suspende as liberdades democráticas. Desde 1935, a fim de manter a ordem diante de uma “ameaça comunista”, os presos políticos passaram a ser encarcerados com ou sem acusação formal, muitos deles no Complexo da Frei Caneca. Foi nessa época que nomes como Graciliano Ramos, Nise da Silveira, Maria Werneck Castro Rebelo, Apolônio de Carvalho, Mário Lago e Olga Prestes estiveram encarcerados nas dependências do Complexo.

Com o Golpe Militar de 1964, os presos políticos voltam a frequentar o presídio. Muitos grupos de esquerda entraram na clandestinidade e milhares de brasileiros foram presos, torturados e assassinados. Entre os presos desse período, estavam Paulo Jabur, Ottoni Jr., André Borges etc. e alguns deixaram suas memórias registradas em livros.

Sobre o período Vargas, um dos mais conhecidos relatos se encontra no livro *Memórias do cárcere* (José Olympio, 1953) do escritor Graciliano Ramos, que ficou preso entre os anos de 1936 e 1937, no contexto de perseguição aos comunistas Graciliano esteve na Frei Caneca, no Pavilhão dos Primários e na Casa de Correção. O autor narra o drama da reificação na experiência do encarceramento:

Sala estreita, acanhada; homens de zebra a mexer-se em trabalhos aparentemente desnecessários. Por que me encontrava ali? Devo ter feito essa pergunta, devo tê-la renovado. Impossível adivinhar a razão de sermos transformados em bonecos. Provavelmente não existia razão: éramos peças do mecanismo social – e os nossos papéis exigiam alguns carimbos. A degradação se realizava dentro das normas.

Afinal que valíamos nós? Estávamos ali mortos, em decomposição, e era razoável evitarem o contágio. Bom que se conservassem longe. Ninguém nos poderia oferecer uma dessas mesquinhas lisonjas indispensáveis na vida social; estávamos diante de uma verdade muito nua e muito suja, e qualquer aproximação nos originaria vergonha e constrangimento. O resto da humanidade se afastava; no marasmo e no assombro, sentíamos que se afastava em excesso. Impossíveis os entendimentos: muros intransponíveis nos separavam.

O livro, que teve grande repercussão, por ocasião de seu lançamento em 1953, foi adaptado para o cinema por Nelson Pereira dos Santos, em 1984, e continua sendo uma referência literária importante e ao mesmo tempo um testemunho histórico do período do Estado Novo.

O escritor Silviano Santiago publicou o romance *Em liberdade* (Rocco, 1981), dando continuidade, na forma de pastiche, às *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos. Trata-se do diário ficcional de Graciliano logo depois de ter sido solto, em 1937. Segue abaixo um trecho do livro:

A liberdade circunstancial que experimento desde ontem é muito menos importante que a liberdade que descubro escrevendo estas páginas. Não estou preso, é claro; mais importante: não sou preso. Tiro o meu corpo da prisão dos homens e retiro a minha vida da cadeira divino-humana dos poderosos. Terei forças para continuar enfrentando os homens humanos que constroem celas e os homens divinos que tecem destinos?



Na década de 1970, os presos realizaram o jornal intitulado *Correio da Manhã*, no presídio da Frei Caneca, no contexto da luta pela anistia dos presos políticos. O título do periódico é uma paródia do *Correio da Manhã*, um dos principais jornais da época, que primeiro apoiou o Golpe Militar e depois assumiu posição mais crítica em relação ao regime, principalmente até o AI-5, em 1968, quando a censura da imprensa tornou-se prática cotidiana do regime.

Em edição única, relata, entre outras histórias, uma greve de fome dos encarcerados de 33 dias em favor da causa da Anistia. Somente em 1979, a Lei da Anistia foi promulgada, de forma ampla e irrestrita, para os presos políticos, mas também para os militares. Nessa ocasião, ainda havia 52 presos políticos no país.

OUTROS DEPOIMENTOS

A PRIMEIRA PRISÃO POLÍTICA FEMININA, DE MARIA WERNECK

O livro *Sala 4* (CESAC, 1988), de Maria Werneck, é um relato sobre o presídio da Frei Caneca contemporâneo ao de Graciliano Ramos. A Sala 4 fazia parte do Pavilhão dos Primários, da Casa de Detenção e foi a primeira prisão política feminina no país. Por tratar-se de mulheres, foi colocado um toldo para separá-la dos outros presos. Diversas mulheres ocuparam essa cela: Nise da Silveira, Maria Werneck, Valentina Dias Leite, Olga Prestes, entre muitas outras. Maria Werneck narra a perseguição, o horror da prisão, a tortura, mas também as amizades que as mulheres construíram nesse lugar.

EM O BAÚ DO GUERRILHEIRO (Record, 2004), o jornalista Ottoni Jr., que ficou preso por seis anos, de 1970 a 1976, revela suas memórias de ex-militante político. Em 1969, quando começou a ser perseguido pelas forças repressivas da ditadura militar, Ottoni era professor e estudante de física na



CORREIO DA MANHA Fac-símile do jornal | Facsimile of newspaper, 1979

Universidade de São Paulo. O autor resgata as práticas mais obscuras do regime militar, a exemplo da polícia política, da espionagem, da censura e da propaganda política.

A FUGA – PRESOS POLÍTICOS FOGEM PARA PARTICIPAREM DA LUTA ARMADA CONTRA A DITADURA (Editora Urbana, 2009), de André Borges, que também ficou preso na Frei Caneca, narra a sua longa trajetória nos cárceres do regime ditatorial e sua luta pela liberdade democrática. Entre outras histórias conta como, junto com outros presos, organizou, em 1968, o 1º Festival de Música e Poesia do Penitenciário da Guanabara, com ampla repercussão. André Borges é militante do Círculo Palmarino, fundador do IPDH – Instituto Palmares de Direitos Humanos e do MNDH.

400 CONTRA 1
“O preso é alguém tão despojado, tão despossuído, que sua conquista do direito à voz soa como anúncio da inevitável desestabilização, do caos, da insegurança coletiva. Já é uma rebelião em si. No inconsciente de nossa sociedade, a vontade mais disseminada é a da aniquilação do marginal. A garantia de sua sobrevivência soa como uma dádiva, e sua busca de dignidade aparece como um luxo. Mas por que sobreviver em condições subumanas? Essa era – e é – a questão.”

Esse trecho é parte das memórias sobre o cárcere de William da Silva Lima, famoso por ter participado da fundação do Comando Vermelho. Segundo o autor, que passou vinte e três anos na cadeia, o Comando Vermelho não se referia a uma organização, mas a uma forma de sobrevivência, simplesmente como forma de integração na massa carcerária e de luta pela liberdade que, na prisão, é sinônimo de fuga. Em seu livro *Quatrocentos contra um* (Labortexto, 2001), relata a experiência de convivência entre presos comuns e presos políticos durante o período militar, principalmente nos presídios da Ilha Grande e Frei Caneca.

Em agosto de 2010, foi lançado o filme *400 contra 1*, com roteiro cinematográfico de Victor Navas e direção de Caco Souza, baseado na obra.

ALGUNS FATOS MARCANTES DA HISTÓRIA DO COMPLEXO PENITENCIÁRIO DA FREI CANECA

1855 A Casa de Correção tinha 139 presos, fora os recolhidos à prisão simples, galés ou calabouço, em celas individuais.

1856 A Casa de Detenção, com capacidade para 160 detentos, foi construída a partir de uma parte do andar térreo da Casa de Correção.

1870 A Casa de Detenção recolheu 2.901 prisioneiros e comportava uma quantidade elevada de presos por cela.

1879 Das 7.225 pessoas que passaram pela Casa de Detenção, 2.028 (pouco mais de 28%) eram escravos.

1887 Passaram pela Casa de Detenção 10.072 homens livres e 849 escravos, dos quais 385 livres e 19 cativos ainda permaneciam na prisão no fim daquele ano, então o último antes da Abolição da Escravatura.

1890 Abolição das penas de morte, galés e açoite. Foi designada a oitava galeria da Casa de Correção para servir de prisão de Estado aos inimigos da República. Sessenta por cento das pessoas detidas foram por embriaguez, vadiagem e comportamento desordeiro.

1897 O *Jornal do Brasil* denunciava, na edição do dia 5 de setembro, espancamentos sofridos nas dependências da prisão.

1905 O *Jornal do Brasil* noticiava, em 20 de janeiro, as constantes revoltas, evasões, conflitos, lutas e ferimentos na Casa de Correção.

1907 Ernesto Senna escreve *Através do cárcere*, reunindo crônicas sobre a Casa de Detenção.

1917 Superlotação e falta de dinheiro ocasionavam doenças graves regularmente. Vinte e cinco ou mais homens apertavam-se em celas para seis homens. Dos 2.783 homens presos na Casa de Detenção, 1.700 eram brancos, 413 pardos e 670 pretos. As mulheres detentas incluíam: 61 brancas, 45 pardas e 116 pretas.

1920 As mulheres passam a ter uma ala separada, onde existiam três grandes salas: uma enfermaria, banheiros e uma lavanderia.

1922 e 1923 Orestes Barbosa, jornalista, escreve o livro *Na prisão* (Typ. Jornal do Comércio, 1922) e *Ban-ban-ban!* (Benjamim Costallat e Miccolis, 1923), crônicas sobre o cárcere na Casa de Detenção que se tornam populares.

1924 Das 1.065 pessoas que entraram na cadeia, 298 eram presos políticos, no contexto de diversas rebeliões militares que aconteceram no período.

1935 Intensificam-se as prisões políticas.

1964 Ocorrem as prisões políticas em decorrência do Golpe Militar.

1968 A prisão de militantes políticos multiplica-se com a instauração do AI-5.

1969 Grupo armado de bandidos ajuda na fuga de presos políticos.

1979 Greve de fome de 33 dias pela anistia.

1984 A Lemos de Brito tinha cerca de 600 presos considerados de alta periculosidade e uma situação de grande tensão, já que o Terceiro Comando tentava impor seu domínio sobre a cadeia.

2001 O Complexo da Frei Caneca abrigava cerca de 3,8 mil presos.

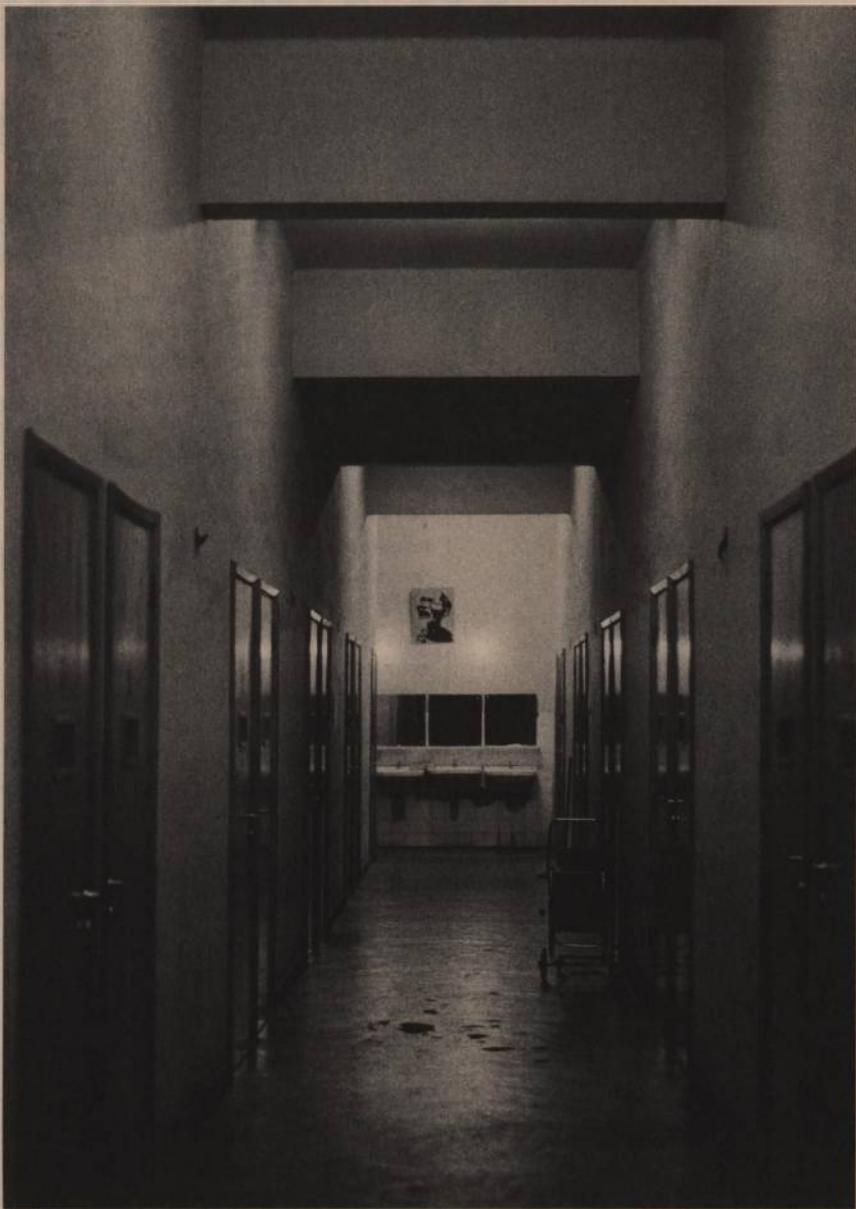
2004 Greve dos agentes penitenciários. Na madrugada, do mesmo dia, 4 de junho, traficantes da favela do Morro do Zinco encobriram a fuga de seis presos no Complexo do Frei Caneca.

2006 O presídio Lemos de Brito foi desativado, no dia 1º de dezembro, com a transferência dos presos para o Complexo de Gerició.

2010 No dia 3 de julho, ocorre a implosão da última construção que ainda existia no Complexo Presidiário da Frei Caneca.

IMPLOSION DO COMPLEXO PRESIDÁRIO DA FREI CANECA vista do ateliê do artista
 IMPLOSION OF FREI CANECA PRISON COMPLEX seen from the artist's studio, 2010





O MATERIAL DO PRESÍDIO DA RUA FREI CANECA AQUI EXIBIDO ABRANGE TRÊS PERÍODOS DISTINTOS. O PRIMEIRO – PRISÃO – É DE 1979 E CONSISTE EM IMAGENS DA GALERIA DOS PRESOS POLÍTICOS.

O segundo – *Abandono e demolição* – é de 2006, época em que o presídio já estava desativado e foi parcialmente implodido. A terceira fase – *Transformação* – exhibe a metamorfose do material demolido em aço novo na Siderúrgica Gerdau em Santa Cruz e é de 2011.

Presídio com 150 anos de funcionamento, a passagem por ali dos presos políticos da ditadura militar, entre 1976 e 1979, representa apenas uma pequena parcela de sua história. E se a experiência das muitas privações em uma prisão é comum para todos, essa parcela é, em alguns aspectos, diferente daquela vivida pela grande massa carcerária. Até mesmo pela lógica da repressão política de então, que concentrava sua fase mais violenta e letal nos seus porões clandestinos e militares, para o preso político chegar a um presídio civil era quase uma garantia de vida. Além disso, as condições políticas nessa época já apontavam uma clara deterioração interna das forças no poder e um apreciável avanço das forças democráticas. E nas brechas do

NIKON FM / D700; f: 5.6; t: 32 ANOS

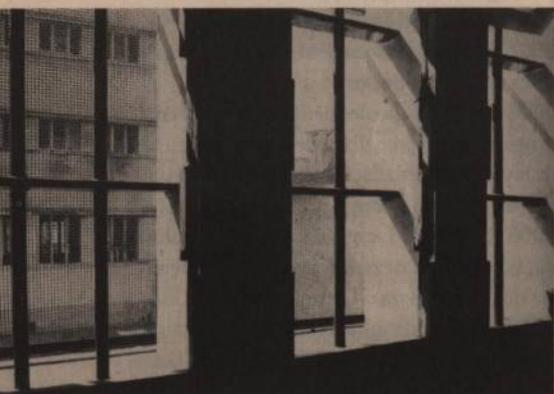
PAULO JABUR

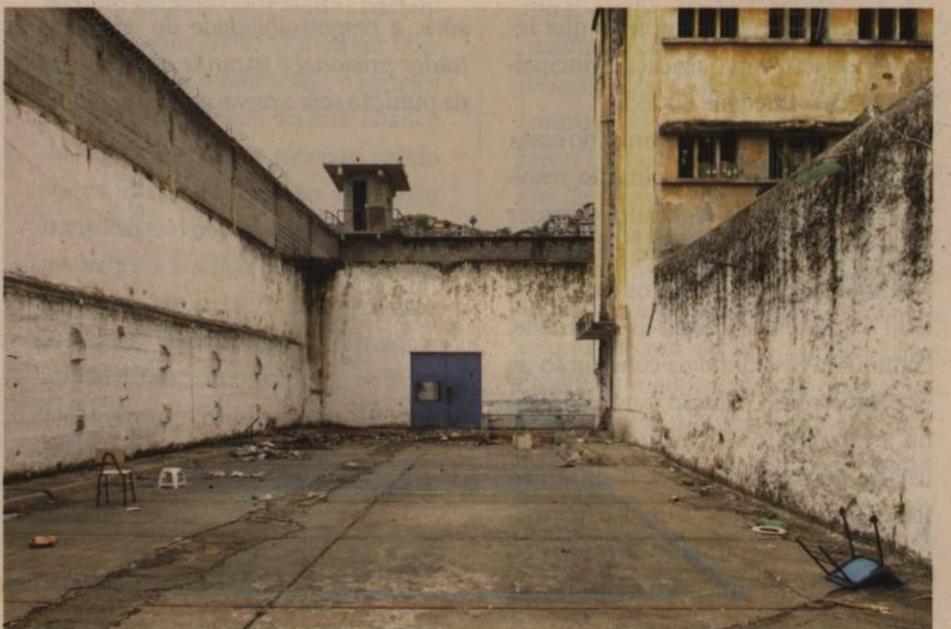
alargamento desse espaço político viemos da Ilha Grande para a Frei Caneca e fomos progressivamente melhorando as condições de sobrevivência até o ponto de conseguirmos documentar nosso dia a dia nestas imagens agora apresentadas. Apesar do clima intrinsecamente pesado a uma prisão, as imagens espelham mais que a expectativa, uma intuição da liberdade então já próxima.

Já no final de 2006, praticamente desativado e com sua implosão decidida, foram feitos os registros da segunda fase. Pela antiga galeria dos presos políticos, muitos outros presos, policiais especialmente, tinham passado. Mas, exceto por algumas modificações das partes comuns e pelas características inscrições nas paredes, pouca coisa havia, materialmente, mudado. O clima óbvio de abandono do lugar ainda não tinha apagado todas as marcas das vidas que por ali passaram. Paradoxalmente, seu aspecto – vazio e semidestruído – traz semelhanças com muitas fotos de carceragens superlotadas que costumamos ver nos jornais.

A fase *Transformação* foi feita graças ao convite de Carlos Vergara. O espaço antes apertado entre grades, portões e cadeados é agora infinito, montanha de aço e ferro retorcido que aponta para o céu. O tempo que escorria lentamente é agora urgente, no ritmo da produção. Instigante pensar nesse processo em que todo aquele material ricamente carregado não só da energia humana necessária para produzi-lo, mas também, simbolicamente, das energias e emoções de todos aqueles que ali viveram, de um lado ou do outro das grades, será fundido e transformado novamente em aço pronto para um novo uso ainda desconhecido. Um trator ou um míssil? Uma escola ou outra cadeia? Cabe um pouco a cada um de nós refletir e escolher.

Paulo Jabur é fotógrafo.





A PRISÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

CONHEÇA A OPINIÃO DE GESTORES E ESTUDIOSOS DO TEMA

MARISA S. MELLO

A privação da liberdade do ser humano, como forma de punição pela prática de ilícitos criminais, demandou a construção de estabelecimentos destinados a guardar indivíduos que representam um risco à sociedade organizada. Esses estabelecimentos prisionais podem ser xadrezes de delegacias, presídios, casas de detenção, penitenciárias e manicômios judiciais, nos quais convivem centenas ou milhares de pessoas em forma de comunidade, formando um sistema social controlado dentro da sociedade livre.

A prisão tem origem, ainda no século XVIII, na divisão constante entre normais e anormais e se baseia no medo. São criadas instituições com a tarefa de medir, controlar e corrigir os anormais e desviantes, em que a individualização e o isolamento são formas de marcar fisicamente a exclusão. A pena do encarceramento é criada no momento em que o ato de punir deixa de ser uma prerrogativa do rei, mas estende-se como um direito da sociedade de se defender contra aqueles que representassem uma ameaça principalmente à propriedade e à vida.

Em nenhum lugar do mundo essas práticas de vigilância e punição resolveram a questão da segurança e sequer diminuíram o número de crimes cometidos. Mesmo assim, os governos, com o aval e a demanda da sociedade, continuam insistindo na construção de presídios como solução para o desvio ou a infração. Na opinião de especialistas e pensadores que se dedicam ao tema prisional, esse impulso permanente de encarceramento do outro não regenera, nem reintegra o transgressor da lei e dos costumes.

Segundo a socióloga carioca Julita Lemgruber, é preciso assegurar que o ambiente prisional se mantenha o menos cruel e desumano possível. Julita figura entre os especialistas no sistema prisional brasileiro, pois além de pesquisadora do tema, atuou como diretora do Desipe de 1991 a 1994. Em 2000 ela tornou-se a primeira ouvidora de polícia do Estado do Rio, ano em que também fundou o CESeC (Centro de Estudos em Segurança e Cidadania) da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, que atualmente coordena. Publicou livros como *Quem vigia os vigias* (Record, 2003) e *A dona das chaves* (Record, 2010). Perguntada se sua experiência executiva provocou alguma mudança na sua visão crítica sobre o papel da pena e da prisão na atualidade, Julita afirma:

Desde os anos 1970 eu já duvidava da possibilidade de a pena de prisão funcionar como instrumento de mudança ou de "ressocialização" de homens e mulheres privados da liberdade. Depois dos meus doze anos de trabalho no sistema penitenciário, inclusive como diretora-geral, a dúvida transformou-se em certeza. A pena privativa de liberdade é punição pura e simples. E, enquanto existirem prisões, a responsabilidade do administrador prisional é garantir que o limite da punição seja a privação da liberdade.

No entanto, ainda se encontram no país situações como a descrita por uma médica sanitária da Fundação Oswaldo Cruz, ao visitar o xadrez de uma delegacia de polícia, no Rio de Janeiro, em 2004: "A condição dos detentos desta instituição é de privação máxima: amontoamento, ausência de ar, promiscuidade, mau cheiro, inexistência de qualquer privacidade, desconforto radical. Pode-se afirmar que estes presos estão vivendo uma situação de tortura física e mental. A intensidade da miséria humana imposta a esses detentos é inominável e indescritível".

E complementa afirmando a urgência do debate e da construção de penas alternativas:

Um Ministro da Justiça inglês já disse que a prisão é uma forma cara de tornar as pessoas piores. Não poderia concordar mais. A pena privativa de liberdade é absolutamente ineficaz como forma de controle social. A pena de prisão destrói indivíduos e famílias; aniquila a autoestima e noções básicas de autonomia; transforma ladrões de galinha em criminosos empedernidos; não ensina o respeito às leis e não detém o crime, favorecendo a reincidência; e não transforma criminosos em

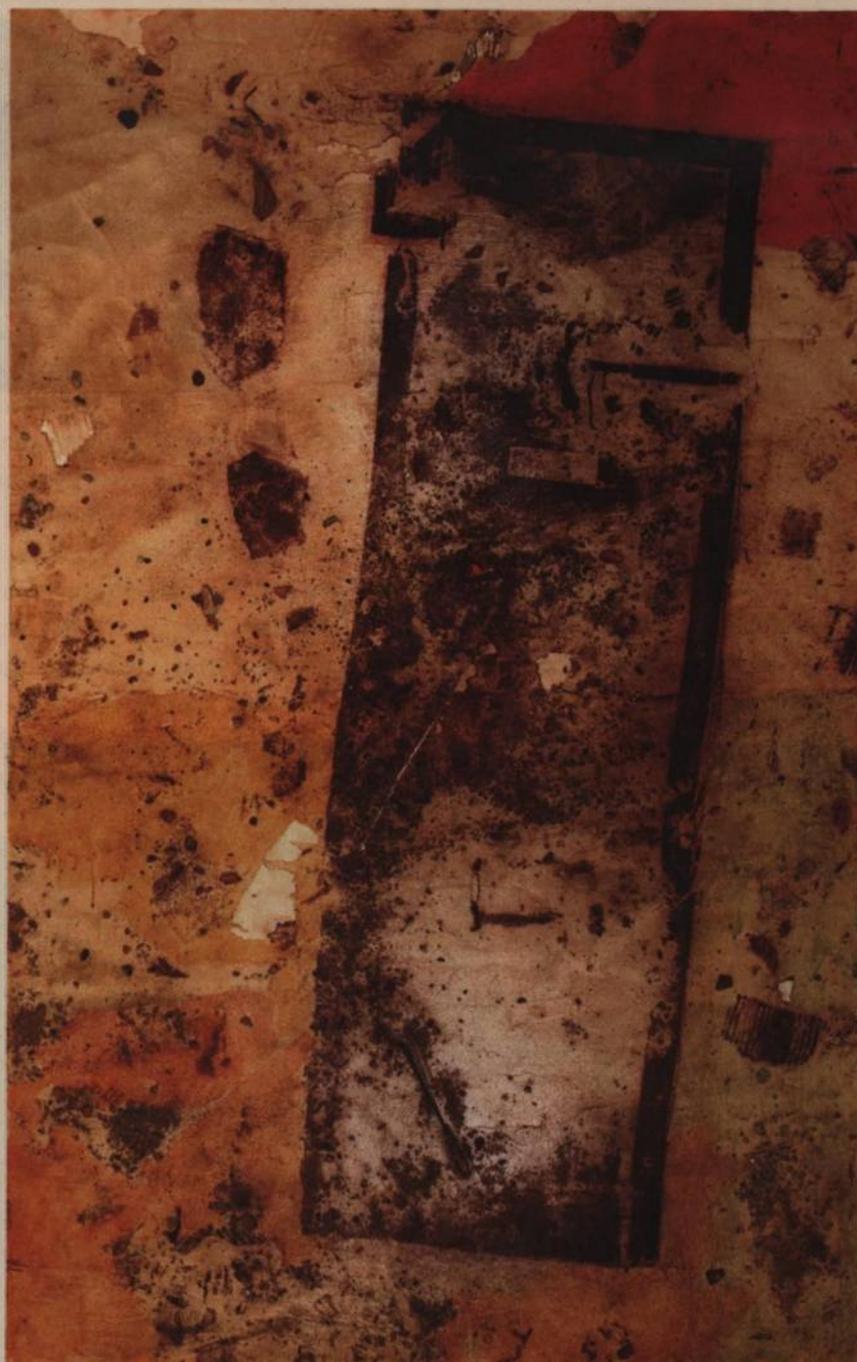
cidadãos cumpridores das leis. Portanto, reservemos a pena de prisão, enquanto outras formas de controle social não existirem, para os criminosos perigosos e violentos. Todos os outros infratores podem e devem ser punidos com alternativas à pena privativa de liberdade. E a prestação gratuita de serviços à comunidade é a melhor delas.

"A prisão é cara, cruel e ineficaz"

"Acredito que, se a pessoa não for violenta, tem que ser punida com prestação gratuita de serviços à comunidade".

JULITA LEMGRUBER

A ideologia da prisão é que ela tem a capacidade de punir, intimidar e regenerar, o que é contraditório. Para punir você tem de maltratar e para recuperar você tem de tratar bem, e não há ninguém que possa ser recuperado através de maus tratos. O despojamento do papel ativo do preso na vida social pela imposição de barreiras no contato com o mundo externo e pelo controle de sua conduta gera a sensação de fracasso e a estigmatização na sociedade.



SEM TÍTULO | UNTITLED, 2011
Monotipia, fragmentos e pintura sobre lona crua | Monotype, fragments and painting on untreated canvas
230,2 x 145,5 cm

página ao lado | opposite page
EMPILHAMENTO | PILE-UP, 1969
Instalação na | Installation at Petite Galerie

“Infelizmente, a experiência da cadeia transforma para o bem a cabeça de quem a visita; mas causa prejuízos irreversíveis para quem a cumpre”

TÉCIO LINS E SILVA

Técio Lins e Silva afirma que o contato direto com um presídio pode marcar e modificar a maneira de pensar de quem visita esse espaço, muito mais que o estudo sobre o assunto, além de ressaltar as consequências catastróficas para quem cumpre pena de prisão. Técio é advogado criminalista, militante na advocacia contenciosa em diversas instâncias, professor licenciado de Direito Penal da Universidade Cândido Mendes e membro titular do Instituto dos Advogados Brasileiros:

Essa é uma das questões referentes à cidadania que menos preocupação desperta nas pessoas, inclusive naquelas que pensam o País de forma generosa. Aprendi que ela mexe tanto com as pessoas que, durante o tempo em que lecionava direito penal, no bacharelado de direito, eu sempre reservava um dia para levar a turma para visitar um presídio. Essa excursão valia mais do que mil lições a respeito do tema. Até hoje, passados mais de 30 anos, encontro ex-alunos que se referem a essa experiência como transformadora de sua maneira de pensar a vida. Infelizmente, a experiência da cadeia transforma para o bem a cabeça de quem a visita; mas causa prejuízos irreversíveis para quem a cumpre. E muito!

Outro aspecto marcante da história das prisões refere-se ao convívio entre presos comuns e presos políticos, principalmente nos períodos de suspensão das liberdades democráticas. Técio defendeu diversos presos políticos durante o regime militar, convivendo

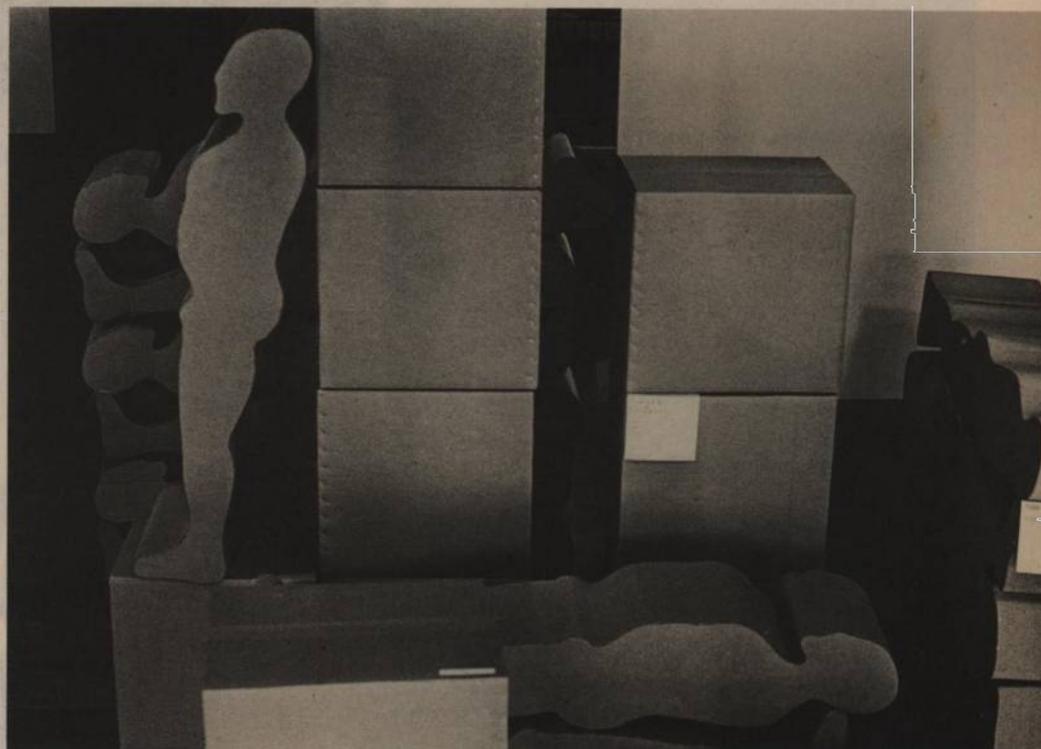
com o cotidiano das prisões, e destaca a diferença de tratamento entre os presos políticos e os presos comuns:

A principal diferença decorria do fato de que aquelas pessoas eram, em geral, oriundas ou mais próximas da classe dominante do que os chamados presos comuns. Essa singela diferença, evidentemente, fazia com que o tratamento fosse diferente, embora não queira dizer que fosse fácil. Os presos políticos sofriam às vezes até mais do que os demais, dependendo das circunstâncias e do período da prisão. Estou me referindo à fase em que os presos políticos passaram a cumprir suas penas nos estabelecimentos prisionais convencionais. Excluo a fase dos porões da tortura e as prisões nos estabelecimentos militares, onde eram considerados e tratados como “inimigos”. Basta exemplificar com uma pequena história que eu vivi. Lembrome bem de um velho policial civil, carcereiro do DOPS, que costumava dizer ter conhecido muitos presos que depois se tornaram ministros, magistrados, políticos e dirigentes do País, enquanto ele continuava ali, policial e carcereiro. Assim justificava a razão de não ser tão rigoroso e dar alguma ajuda sempre que podia...

ESTIGMA, CRIME E POBREZA

Sobre a relação entre estigma, crime e pobreza, o sociólogo francês Loïc Wacquant, em conferência realizada no Instituto Carioca de Criminologia, esclareceu como, ao adentrar nas prisões, os explorados tornam-se mais pobres ainda:

As prisões são principalmente instituições para pobres. A maioria dos prisioneiros vem da classe trabalhadora e ao passar pela prisão eles empobrecem mais ainda. A porcentagem dos que entram sem trabalho é menor que a dos que saem sem trabalho. Quando



“Impossível adivinhar a razão de sermos transformados em bonecos.”
Graciliano Ramos

saem, eles estão numa posição econômica mais marginal do que quando entraram. Também sabemos que o impacto negativo da prisão não se limita aos prisioneiros, mas atinge sua família e seus vizinhos. Então, esse argumento de que o sistema penal ajuda a resolver problemas de instabilidade social não é correto, ao contrário, cria mais instabilidade social nas classes mais pobres.

Do ponto de vista jurídico, na prática, o direito penal só reforça o caráter social do problema:

O direito penal é, realmente, direito dos pobres, não porque os tutelle e proteja, mas porque sobre eles, exclusivamente, faz recair sua força e seu dramático rigor. A experiência demonstra que as classes sociais mais favorecidas são praticamente imunes à repressão penal, livrando-se com facilidade, em todos os níveis, inclusive pela corrupção. Os habitantes dos bairros pobres é que estão na mira do aparato policial-judiciário repressivo e

que, quando colhidos, são virtualmente massacrados pelo sistema.

Quem afirma isso é o advogado, professor titular de direito penal da UFRJ e Uerj, e ex-vice-governador e ex-governador do Estado do Rio de Janeiro, Nilo Batista, fundador do Instituto Carioca de Criminologia. Ele procura relacionar o fenômeno criminal aos problemas sociais como a pobreza e a má distribuição de renda, o que fica claro em seu livro *Punidos e mal pagos* (Revan, 1990), em que afirma que o capitalismo recorreu ao sistema penal para garantir a mão de obra e impedir a cessação do trabalho, criminalizando o pobre que não se convertesse em trabalhador. Nilo Batista resalta os interesses da indústria do controle do crime no encarceramento e o fracasso da prisão como pena, desde os primeiros relatos produzidos sobre essa experiência:

Administrar penitenciárias deveria ser uma atividade tranquila, sem muitas tensões. Afinal, há mais de dois séculos – desde Howard, em 1794, – sabemos bem dos horrores da institucionalização total. Não fossem os interesses da poderosa indústria do controle do crime, especialmente no ramo da hotelaria punitiva, e a privação de liberdade estaria desacreditada como pena que, na reincidência penitenciária, reproduz o crime. Quando era chamado de utópico, Louk Husman respondia com doçura que não existe ninguém mais utópico do que aquele que espera alguma coisa da prisão. A prisão sempre foi um grande fracasso, quaisquer que tenham sido os regimes penitenciários, a formação de pessoal, as condições arquitetônicas, a judicialização da execução penal, etc. Portanto, o administrador penitenciário

HO'PONOPONO EUVOCÊVOCÊEU

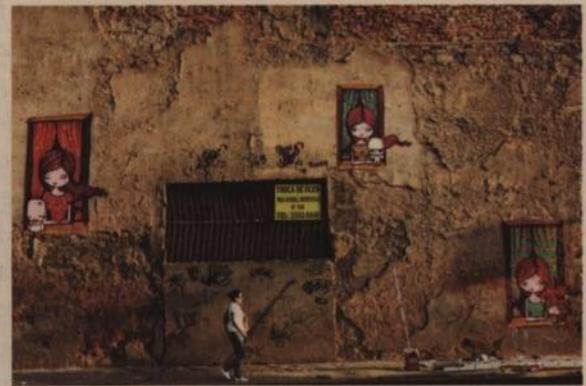
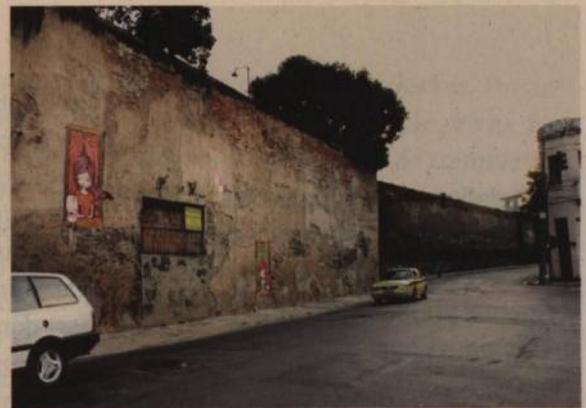
O que mais me impressiona atualmente ao olhar o mundo à minha volta é perceber meus irmãos humanos com seus pensamentos repetitivos, suas crenças limitadas, seus condicionamentos sempre acompanhados de lembranças dolorosas refletidas deste grande espelho chamado vida. Esse mundo LIBERDADE, no qual o artista recoloca a possibilidade da explosão do cárcere, imprime no meu ser, literalmente, a minha responsabilidade de tudo o que está a minha volta.

Sugeri ao artista que incluíse neste impresso a importância de um trabalho que já é realizado em todo o mundo e que começou com os nossos antepassados Kahunas, no Havaí. O Dr. Ihaleakala Hew Len, ainda vivo, trabalhou no Hospital do Estado do Havaí, onde criminosos e psicopatas ocupavam uma grande ala. Durante muitos anos, convivendo com as mesmas questões políticas, sociais e profissionais em decadência, o Dr. Len resolveu colocar em prática essa técnica ancestral de cura e perdão chamada Ho'ponopono (que significa corrigir um erro). Mesmo sem ele

ter tido contato com algum paciente, os insanos começaram a ser liberados de suas medicações, e aqueles criminosos que não tinham chance de serem libertados estavam sendo soltos. Essa ala hospitalar, hoje, não mais existe. Foi fechada por falta de pacientes... E o que Dr. Len fazia enquanto examinava os arquivos dos pacientes? Ele apenas repetia muitas, muitas vezes: “Me desculpa, eu amo você...” e mais: “sinto muito, me perdoa, eu te amo, muito obrigado...”

A paz começa comigo e dentro de você. Em união sempre.

BIA VERGARA é jornalista e terapeuta.



TOZ (artista)
Grafite no muro do Complexo Presidiário
Frei Caneca | Graffiti on a wall of
Frei Caneca Prison Complex, 2011

não corre muitos riscos: ele tem aquele emprego no qual se tudo der errado é que está tudo certo.

**“Não existe boa prisão.
A prisão brutaliza,
inferioriza e deteriora”.**

**“A prisão foi um fenômeno
estrutural da sociedade capitalista.
Era preciso controlar os inúteis da
velha economia”.**

NILO BATISTA

O MEDO ATUA COMO MOTOR DO ENCARCERAMENTO

Para alguns estudiosos como a historiadora Vera Malaguti Batista, o medo e sua difusão na sociedade são um dos principais motores do crescente encarceramento que vivemos atualmente. Professora de criminologia da Universidade Cândido Mendes e secretária-geral do Instituto Carioca de Criminologia, ela publicou, com base nesse tema, *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história* (Revan, 2003). Sobre a relação entre medo e prisão, Vera argumenta que a sensação de insegurança é usada pelo aparato estatal e pela sociedade como garantia de punição e encarceramento dos que ameaçam a ordem pública. O medo torna-se fator de tomadas de posição estratégicas, seja no campo econômico, político e social. A pesquisadora traça o histórico da relação entre o medo, a pobreza e o encarceramento crescentes:

A criminalização da população pobre foi uma constante na sociedade brasileira. Os motivos é que vão mudando. Historicamente, foram criminalizadas as pessoas que davam medo, as bruxas, os hereges, os anarquistas, os comunistas, os quilombolas, os malês. No Brasil, temos duas fortes marcas históricas deste processo, que são o extermínio da civilização indígena e a escravidão. A manipulação do medo é o eixo do discurso criminal. O poder punitivo é intrinsecamente seletivo.

Nesse sentido, o medo torna-se quase sinônimo de pobreza, já que, ainda para Vera:

*Há uma falsa posição que relaciona a questão criminal com a miséria e a pobreza. Os mais conservadores fazem essa associação, e isso fica equacionado de uma forma quase ofensiva à pobreza. É como se a pobreza produzisse a criminalidade. Quem trabalha na perspectiva da criminologia crítica costuma dizer que a pobreza é criminalizada. Abordo isso no meu livro *Díficeis* ganhos fáceis: droga e juventude pobre no Rio de Janeiro (Revan, 2003).*

**“Prisão em si não tem sentido.
Os índices de reincidência são
muito parecidos no Brasil e na
Suécia”.**

**“O medo produz fantasias, como
a de que o morro vai descer”.**

VERA MALAGUTI BATISTA

Nessa pesquisa, dedicou-se à análise de processos, entre 1968 e 1988, de adolescentes presos por problemas

relacionados às drogas, e mostrou a diferença com que o sistema tratava os meninos dependendo da origem social, étnica e do local de moradia. Uma das conclusões a que a autora chegou foi que a diferenciação no tratamento não está relacionada à droga em si, mas aos meninos. Trata-se de uma estratégia de controle dessa juventude popular:

A nossa política criminal de drogas é só mais uma parte de uma história de criminalizações. Capoeira, samba e funk no Rio de Janeiro são manifestações culturais criadas nas favelas sobre as quais é lançado um olhar preconceituoso e criminalizante.

DADOS

- A expansão do sistema penitenciário, nos últimos quinze anos, é impressionante: saltou de cerca de 110 mil presos em 1994 para quase 500 mil nos dias de hoje, com um aumento médio da população carcerária de 4%, 5% ao ano. A maioria dessas pessoas cometeu crimes sem violência.
- Segundo pesquisas do Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (Ilanud), 70% dos presos reincidem, ou seja, voltam a cometer novos delitos quando retornam à sociedade livre.
- Dados fornecidos pelo Departamento de Assuntos Penitenciários (Depen), da Secretaria dos Direitos da Cidadania e Justiça, do Ministério da Justiça para 1993:
 - dos 126 mil presos no país, quase todos são homens (97%), destes, 48% cumprem pena irregularmente nas carceragens das delegacias;
 - em 297 estabelecimentos penais (penitenciárias e cadeias públicas), há 51,6 mil va-

gas, o que estabelece uma média nacional de 2,5 presos por vaga e um déficit de 74,5 mil vagas;

- ocorrem, em média, duas rebeliões e três fugas por dia;

- cento e setenta e cinco estabelecimentos estão em situação precária, sendo necessários mais 130 para que não haja superlotação. O custo médio de manutenção do preso é de 3,5 salários mínimos por mês.

• Há, em média, um milhão de crimes por ano, sendo 72% casos de roubo ou furto e 28% de homicídio, lesão corporal, aborto, estupro, corrupção, tráfico, e porte de drogas.

• Sessenta e oito por cento das pessoas presas têm menos de 25 anos de idade, sendo que destas 2/3 são negros e mulatos; 89% são presos sem atividade produtiva ou trabalho fixo; 76% são analfabetos ou semi-analfabetos; 95% são pobres; 98% não podem contratar advogado.

• Cerca de 1/3 da população carcerária nacional é portadora do vírus da AIDS.

• Estado do Rio de Janeiro, 2008

Há 166,58 presos para cada 100 mil habitantes, representando um crescimento de 2,56% somente no último ano. O efetivo de servidores penitenciários é de 3.286 profissionais, e a população carcerária absoluta é de 25.625 pessoas.

• Dados do Ministério da Justiça, em 2010
Entre 1995 e 2005, a população carcerária do Brasil aumentou de 148 mil presos para 361.402, o que representou um crescimento de 143,91% em uma década. A taxa anual de crescimento oscilava entre 10% e 12%. A partir de 2005, a taxa de crescimento anual caiu para cerca de 5% a 7% ao ano. Entre dezembro de 2005 e dezembro de 2009, a população carcerária aumentou de 361.402 para 473.626, o que representou um crescimento, em quatro anos, de 31,05%.

• Apesar da redução da taxa anual de encarceramento, o Brasil ainda apresenta um déficit de vagas de 194.650.

O DEVIR

EDUARDO MASINI

EXISTE UM BAIRRO NO RIO DE JANEIRO EM QUE EU, DESDE PEQUENO, SEMPRE PASSAVA E IMAGINAVA: É AQUI QUE, PELO MENOS UMA VEZ POR ANO, AS PESSOAS SÃO IGUAIS, FELIZES E CANTAM PARA O MUNDO A SUA ALEGRIA.

Naquele bairro acontece anualmente uma das maiores festas do mundo, o Carnaval carioca. Milhares de pessoas se reúnem, sem preconceitos, sem pudor e sem as regras que a sociedade nos impõe para celebrar o culto aos deuses do Carnaval.

Mas o que eu nunca imaginei, talvez por fugir a minha realidade, é que a poucos metros dali, onde a alegria reinava, existia um mundo paralelo – um poço de sofrimentos. Um lugar que representava o oposto do que eu sempre admirei.

Como duas situações, dois lugares tão diversos podiam estar tão próximos?

Ano passado, acompanhando o amigo Vergara, fui conhecer o presídio Frei Caneca, depois da primeira implosão. Do complexo original restava apenas uma única ala. Ao entrar naquele universo desconhecido, fui envolvido por uma estranha energia.

Logo que entrei naquele lugar, que um dia tinha sido um presídio, mesmo vazio e destruído, me aflorou o mesmo sentimento de abandono que as pessoas deviam sentir, enquanto pagavam suas dívidas com a sociedade. Era uma energia muito forte que me transportava a uma realidade que eu desconhecia completamente. Uma bizarra fantasia se manifestou naquele momento; era como se eu ouvisse os corredores gritando e chorando. Tudo soava muito real e assustador.

Foi a partir daí, tomado por esse forte sentimento, que comecei a filmar cada cela, cada canto, cada beco.

Aos poucos fui descobrindo as intimidades, a manifestação do desejo reprimido, o sexo fortuito, as ferramentas que seriam usadas na fuga para a liberdade tão sonhada e quase sempre inatingível, as cartas que revelavam segredos impensáveis, a maldade e a violência aprimoradas naquele ambiente sórdido.

Mas, havia também sinais de esperança de um futuro melhor, de credos salvadores e de sincero arrependimento. Nem tudo estava perdido!

Ao andar pelos corredores, pensava em cenas que lá poderiam ter acontecido, no sofrimento das famílias dos presos, nas brigas e nas mortes tão comuns nesses presídios.

Ao mesmo tempo em que a implosão parcial do presídio parecia ser um ponto final em toda aquela história, a parte que ainda restava era como se tudo aquilo se negasse e resistisse a desaparecer.

Por isso, em contraponto a tudo que vi, resolvi tentar passar uma sensação disfarçada de tranquilidade e paz, que aquele primeiro instante do início da implosão parecia sugerir. Entretanto, ao longo de todo o espetáculo de destruição, aquela sensação de conforto foi se transformando em poeira.

Eduardo Masini é fotógrafo e designer.



Eduardo Masini
Frames do filme O DEVIR |
Stills from the film O DEVIR, 2011

FREEDOMS

FREDERICO COELHO

Light gives birth to darkness. The enlightenment prison, with its legal codes and its inevitable degradation, suggests this contrasting image of light and shadow, of brightness and darkness. The reason that formed the building blocks for our modernist criticism of the world is the same reason that planned a new way to control people's bodies by castrating their life force. When imprisoned, evil men should learn the lesson that not everyone can push back the boundaries. To be imprisoned is to be alone, even in the company of others. It is to live counting each day, praying for the hours to pass, weaving cloth.

First and foremost, this show exhibits shock. Shock at the continued crisis of our human condition, which continues across the centuries and in the artist's work. In a world full of tragedies, what can art say in response? Play it safe by just taking itself as its muse? Will it stand by the modernist echo of the artist that separates the man who suffers from the man who creates? Or will it fall prey to the easy recourse of the illustrative comment as a form of political statement? How can the issue of imprisonment and all its ramifications be addressed visually? Carlos Vergara shows us that these issues are not just rhetorical questions from an introductory text for yet another exhibition.

For Vergara, the Frei Caneca compound was no distant scenario or just another social problem. It was part of the view he had from the height of his studio on Rua Progresso in Santa Teresa district, whenever he looked out over the valley of Catumbi, edged by Mineira hill, pierced by the cross of São Francisco de Paula church, and stained by the prison and its watchtowers. One day his view of the valley, the world and life was changed by a rising cloud of dust.

This implosion drove Vergara to embark on an investigation into our civilization and the nightmares that inhabit us. Because the physical end of the prison did not signify its historical end. Its demolition did not release the prisoners who had been there. Its sudden disappearance will not wipe clean what was branded on the bodies of those who spent time there or who never got out. The works exhibited here jointly register the now extinguished marks of those who were there. Marks of the inmate's patience. Yet in the whole exhibition, even if the prisoner is always there in the background, we see no people, no faces, no men behind bars. What Vergara shows us are the remains, the traces, the outlines of the bodies, the clamor of the cells, the inscriptions of time, the rags left over from a frustrated escape attempt, the posters of naked muses stuck on the walls, the indelible signs of violence and solitude.

When he found out that Frei Caneca prison had been imploded, Vergara realized that even if one cannot release a life that has crossed the line, one can at least record the end of these prisons through their stories and their rubble. They emerge swathed in unlikely colors that pierce the darkness of their yards. When Vergara fills his canvases and drawings with color and exhibits the imposing power of the yellow bars like frames for the memory, he is giving us some room to breathe inside a stifling topic. We have in his images the doors being opened to a space that we never wished to see and a chance not to completely give in to our conscious will to destroy others.

The visitor will notice that this exhibition does not contain a set of free-standing works, phases or approaches to a theme. Here, there are no aesthetic variations or artistic studies on prison. There are no sceneries for effects and interpretations.

Vergara gives us a condensed exhibition of his disquiet, a long working process that can only be seen in its entirety, a complete work split between different pieces from a great chess board. Each piece is related to the others, like the bedsheets tied into a rope ready for a jailbreak in the dead of night. Each drawing, each photogram, each monotype, each and every work has its own life force, while its power is factored by its open dimension to the exact degree to which it affects us all.

The profusion of ideas we see in the different media Vergara uses not only show the vitality of an artist in his prime, but confirm the extent of this affection. The photos make use of other lenses for the watchful gaze that has always captured with its cameras the world's streets and panoramas. Here, he frames the silent loneliness of the space and penetrates into the desolate voids of the empty cells, the fresh rubble, the lacerated steel bars. These are photos presented in their multiple pictorial potential, with plays on scale and uncanny play-offs in 3D. Vergara moves us from the joyful faces of carnival parades or the torrents of images from sacred temples to put us face-to-face with the rejected ruins of our history. He takes us away from the enlightened expression of faith and shares with us these dark pits of profanity.

If there is something that unites the prisoner with all men and makes him a son of God it is precisely the nagging question that his incarceration awakens in all of us: how can we live together without annihilating one another?

The watercolor sketches – done with the hasty hand of the artist who is away from his/her studio – and the big canvases they develop into were the ways he found to expunge the darkness from the theme by investing in a profusion of colors and forms. In them, the ever-present darkness is always pierced by a light whose sun shines through whole walls. It is the light from a window that became a hole after the buildings were imploded which invades Vergara's work. This same light that created the prison and is forever extinguished when we are inside it.

As I talk with Vergara, he remembers that prison corridors are called *galerias* (galleries) in Portuguese. It is a radical juxtaposition of synonyms for an exhibition of such a nature. Unlike art galleries, which are always ready for the world's scrutiny, prison "galleries" do not present anything. They are conceived only to hide. There is nothing to see. And this is the culmination of the artist's work: there is nothing to see, nothing to admire, in the broken interior of these galleries that hide, Vergara saw. The emptying out of the prison for the implosion allowed Vergara to experience the great, silent, collective artwork that all the prisoners had made of the walls, the cells and the corridors, turning these prison "galleries" into galleries of an aesthetic agony of the lost days and the empty hope of escaping from oblivion.

The implosion of Frei Caneca triggered an explosion inside Vergara himself with regard to many points along his career. After almost half a century devoted exclusively to his work, there are still discoveries to be made and shocks like these, which lead him to see prison as a catalyst for humanist indignation. A prison that extends its walls out into daily life, into social relations, into man's conflict with his world and its increasingly meaningless destruction. An artist like Vergara comes to a point when his art and his life no longer need a cordon to justify their excellence. Art ceases to be seen as a fence surrounding the painter or a containing wall that protects it from being tainted by life and the masses. Here, it takes risks and brings in the colors and horrors of the world. By so doing, Carlos Vergara turns his investigation into a constructive element of his work. By presenting the public with an entire creative process, with the nagging questions he has asked along the way, he manages to articulate life through art by new routes. And this at precisely a time when one might expect that art would have no more problems to bring to his life or the life of his peers.

By immersing himself in a prison for others, the artist has broken free of his own cell and

struck out against comfort. The comfort of art, his own comfort, the comfort of the public. This is an exhibition where the force of the works takes us, along with Carlos Vergara, to a new step towards the abyss. A decisive step which ultimately allows him to utter loudly and clearly a heartfelt word that catches in our throats when we are confronted with the images in his work: *Freedom*.

FREDERICO COELHO is a professor of literature at PUC-Rio and a researcher.

FOR A POLITICS OF ART

MOACIR DOS ANJOS

The relationship between *art* and *politics* is long, and the latter term was for a long time only used to adjectivize the former, apparently giving it a sense of belonging and importance outside the field of aesthetics. In this sense, art is seen as *political* when it inscribes images, texts and ideas that emerge in the midst of the continuous disputes for power in society within the ambit of the symbolic. Taken to the extreme, "political art" is the equivalent of art as propaganda, just reproducing something that is outside it and foreign to it. However meaningful the topics and however well intentioned the motivations of the artistic work may be, an art that is no more than accessory will ultimately, and finally, become unnecessary or plain redundant.

The idea of subordinating art to politics, making it no more than an instrument of politics, fails to apprehend the fact that art essentially affirms and weaves its own politics into any other field of knowledge. Instead of "political art", one must therefore insist on the power of the "politics of art".

The "politics of art" can be expressed in the power artistic creation has to juggle with the sensory coordinates one normally uses to experience the world, opening up fissures in the conventions and consensuses that organize both public and private life. And it is thanks to this capacity to disorientate the senses and subjectify this disorientation on such a deep level that art can on its own terms reconfigure the themes and attitudes that are inscribed in the common spaces of existence. It is this that assures art its unique place in the organization of life and confirms its capacity to shed light on and reinvent the ways in which the world is structured.

The capacity art has to mobilize the senses so broadly is thus less present in the unequivocal explicitation of the terms of a state in which everything is already known and where all positions have already been taken than it is in the recognition of a certain *opacity* inherent to the events it alludes to and how this is translated in the creative gesture itself. It is precisely because it is not transparent and cannot be perfectly transmuted into other media that art can make the cracks opening in the hegemonic comprehension of the world more clearly visible and can declare certain situations and the uncertain destiny of some to be intolerable. And if it is true that the illusive testimony of situations of exclusion or violence, even when done forcefully, often makes art an enigma, this is a kind of enigma that does not need to be deciphered, as it is the shock it causes, and not its full comprehension, that makes it significant and meaningful.

Perhaps the most effective way for art to fight against the regressive forces that inhabit the body of society, which insist on smothering difference and dissent, is to insist on its own politics. Without ever giving in to appearances or propaganda, the best art can do, as philosopher Jacques Rancière says, is to deepen the incomprehension between parties, cast light on what it previously did not have, remember the cracks in the world: activate, broaden and intensify a field of reception for the voice of the underling and the outcast.

MOACIR DOS ANJOS is a researcher at Joaquim Nabuco Foundation and was curator of the 29th São Paulo Biennial.

HISTORY OF THE BUILDING OF FREI CANECA PRISON COMPLEX

MARISA S. MELLO

The Frei Caneca Prison Complex, created as a model penitentiary during the Brazilian Empire, was one of the first prisons to be built in Latin America. Inspired by Enlightenment ideas and the concept of the Panopticon, formulated by philosopher Jeremy Bentham, the modern prison allows its inmates to be observed from all angles.

A 64,000 m² site was selected for the prison, set amongst the houses of Catumbi, a region of mangroves and wetlands that was removed from the city's main thoroughfares. The construction work started in 1833 and was concluded in 1850 with the help of the prison's first future inmates. There were two buildings: a correctional facility (Sala de Correção) and a remand facility (Sala de Detenção), the latter being built slightly later, in 1856, specifically for detainees who were awaiting trial or serving short sentences.

When it first opened, Casa de Correção managed to negotiate contracts for its workshops, and even sent some of its inmates, especially slaves, to contribute to public works in the city. As time went by this was phased out. The prisoners were split into two categories: criminal and correctional. Criminal inmates not only had to serve their sentence but also did forced labor; correctional inmates were mostly beggars, slaves and the homeless.

In nineteenth century Brazil, where there was still slavery, one of the functions of imprisonment was to assist with the social control of the slave population, who continued to be criminalized even after slavery was abolished. In 1890, soon after the proclamation of the Republic, the death penalty, forced labor and whipping were abolished as sentences, and the penal code was amended.

There was no significant change in the way penitentiaries were organized in the nineteenth century, nor even in the twentieth century, and everything would indicate that the twenty-first century holds nothing new.

IMPLOSION AND DEACTIVATION OF THE PRISON

between 2003 and 2010, with the last remaining inmates being transferred to Bangu. The beginning of the end of Frei Caneca Prison Complex came in 2003 with the demolition of Nelson Hungria women's prison, which was transferred to Bangu VI, and the prison management school. There were a total of 3,204 inmates in the various institutions inside the complex. In 2006, Milton Dias Ferreira, Lemos de Brito and Romero Neto prisons were shut down and demolished. In March 2010, a further eight buildings were razed using 600 kg of dynamite. Finally, in July 2010, Hélio Gomes secure psychiatric prison was imploded, marking the end of the prison complex.

MEMORIES OF IMPRISONMENT

There were many testimonials by inmates of Frei Caneca throughout its existence. The first accounts from inside prison date back to Brazil's Republican period and were written by political prisoners who opposed the new regime: monarchists or people who defended other republican forms of government. The common inmates were of little interest to them. Later, the topic would attract the interest of journalists like João do Rio and Orestes Barbosa.

During the period of government known as Estado Novo (1937-1945) President Getúlio Vargas suspended many democratic rights. As early as 1935, political activists were being imprisoned, with or without being formally charged, in the government's bid to maintain public order in the face of the "communist threat". Many were sent to the Frei Caneca complex, including figures such as Graciliano Ramos, Nise da Silveira, Maria Werneck Castro Rebelo, Apolônio de Carvalho, Mário Lago and Olga Prestes.

The 1964 military coup marked the beginning of another wave of political imprisonments.

Many left-wing groups went underground and thousands of Brazilians were arrested, tortured and murdered. Some of the prisoners from this period – who include Paulo Jabur, Ottoni Jr. and André Borges in their numbers – went on to publish memoirs about this period.

One of the best known accounts from the Vargas period can be found in *Memórias do cárcere* (José Olympio, 1953) by writer Graciliano Ramos, who was imprisoned in 1936-7 during the communist witch-hunt, especially after the 1935 uprising. At Frei Caneca, he was imprisoned in the first-time offenders' unit and the correctional facility (Casa de Correção). The author describes the drama of reification on his experience as a prisoner:

Narrow, cramped room; zebra-clad men going about apparently unnecessary jobs. Why was I there? I should have asked that question, I should have kept asking it. Impossible to figure out why we turned into puppets. There was probably no reason: we were pawns in the social apparatus – and our roles required a few stamps. Degradation was the order of the day.

After all, what were we worth? There we were, dead, decomposing, and it made sense for them to avoid contagion. It was better for them to keep away. No-one could offer us one of those flattering platitudes that are an essential part of social life: we were in the presence of a very crude, very murky truth, and getting close in any way would only cause shame and embarrassment. The rest of humanity kept its distance; in our frailty and terror, we felt that they kept too much of a distance. Any understanding was impossible: impregnable walls kept us apart.

Published in 1953, the book made a great impact. It was adapted for the cinema by Nelson Pereira dos Santos in 1984. Until today, it is an important literary milestone, while also providing historical testimony about the Estado Novo period.

In 1981, Silviano Santiago published a novel *Em liberdade* (Rocco) written in the first person as if he were continuing on from Graciliano Ramos's *Memórias do cárcere*: a fictional diary of Graciliano's thoughts and experiences shortly after his release in 1937. A passage from the book reads:

The circumstantial freedom I have experienced since yesterday is far less important than the freedom I discover upon writing these pages. I am not imprisoned, obviously; more importantly, I am not in a state of imprisonment. I remove my body from the prison of men and I remove my life from the divine/human seat of the mighty. Will I have the strength to carry on confronting the human men who build cells and the divine men who weave destinies?

FACSIMILE OF CORREIO DA MANHA NEWSPAPER

In the 1970's, the inmates of Frei Caneca brought out a newspaper, *Correio da Manhã*, as part of the broader campaign for amnesty for political prisoners. The newspaper's title was a parody of *Correio da Manhã*, one of the leading newspapers of the time, which had first supported the military coup but had later taken a more critical stance towards the regime, at least until AI-5 – the harshest decree of the dictatorship – was issued in 1968, making press censorship a daily practice under the military junta.

Its single edition contains a piece on a 33-day hunger strike by the inmates in favor of the amnesty. Only in 1979 was full and unconditional amnesty granted for political prisoners, although this came along with amnesty for the military. When the new law came in, Brazil still had 52 political prisoners.

OTHER TESTIMONIALS

The first prison for female political prisoners, in the experience of Maria Werneck

Sala 4 (CESAC, 1988), by Maria Werneck, contains an account of Frei Caneca from the same time that Graciliano Ramos was there. Sala 4 was a room in the first-time offenders' unit in the remand facility (Casa de Detenção) and was Brazil's first ever prison for female political prisoners. As they were women, they were separated

from the other prisoners with canvas sheeting. Many women were incarcerated there, including Nise da Silveira, Maria Werneck, Valentina Dias Leite and Olga Prestes. Maria Werneck writes of the persecution, the horrors of prison and the torture, but also talks of the friendships that the women built up in this place.

400 against 1

The prisoners are so downtrodden, so subjugated, that their gaining the right to a voice sounds like an omen of inevitable destabilization, chaos, collective insecurity. It is already a riot of itself. In our society's unconscious, the most widespread desire is to wipe out all delinquents. The assurance of their survival sounds like a gift, and their quest for dignity seems like a luxury. But why survive in such subhuman conditions? That was – and is – the question.

This is a passage from the memoirs of prison life written by William da Silva Lima, notorious for having helped form one of Brazil's largest criminal organizations, Comando Vermelho. The author, who spent 23 years behind bars, explains that Comando Vermelho was not an organization, but a means of survival, and quite simply a way of uniting the prison population and fighting for freedom, which in prison is synonymous with escape. In his book, *Quatrocentos contra um* (Labortexto, 2001), he records his experiences living alongside common and political prisoners during the military regime, especially at Ilha Grande and Frei Caneca prisons.

A film version of the book was released under the same name in August 2010. The screenplay is by Victor Navas and the director is Caco Souza.

In *O baú do guerrilheiro* (Record, 2004), journalist Ottoni Jr., who spent six years in prison between 1970 and 1976, reveals his experiences as a former political activist. In 1969, when he was first persecuted by the repressive forces of the military dictatorship, Ottoni was a professor and student of physics at the University of São Paulo. He writes of the darkest practices of the military regime, such as the political police, espionage, censorship and propaganda.

A fuga – presos políticos fogem para participarem da luta armada contra a ditadura (Editora Urbana, 2009), by André Borges, who also served time at Frei Caneca, narrates the long years he spent in different prisons during the military dictatorship and his struggle for democratic freedom. One of the many stories he tells is about how he and other prisoners organized a music and poetry festival at Guanabara Prison in 1968. André Borges is an activist with Círculo Palmarino, and co-founder of Instituto Palmares de Direitos Humanos and MNDH.

A FEW FACTS FROM THE HISTORY OF THE FREI CANECA PRISON COMPLEX

1855 The correctional facility (Casa de Correção) had 139 prisoners, not counting those sent to regular prison, forced labor or solitary confinement.

1856 The remand facility (Casa de Detenção), designed to hold 160 detainees, was built off part of the ground floor of Casa de Correção.

1870 Casa de Detenção held 2,901 inmates and had a high number of prisoners per cell.

1879 Of the 7,225 people who served time at Casa de Detenção, 2,028 (just over 28%) were slaves.

1887 The population of prisoners at Casa de Detenção was made up of 10,072 free men and 849 slaves, of whom 385 of the free men and 19 of the slaves were still behind bars by the end of the year which preceded the abolition of slavery.

1890 Abolition of the death sentence, forced labor and whipping. The eighth wing of Casa de Correção was allocated to be a state prison for enemies of the Republic. 60% of the people held in remand were for drunken behavior, begging and disturbance of the peace.

1897 On September 5th, *Jornal do Brasil* reported on inmates being beaten at the prison facilities.

1905 On January 20th, *Jornal do Brasil* reported on the constant riots, escapes, conflicts, fights and injuries at Casa de Correção.

1907 Ernesto Senna wrote *Através do cárcere*, a collection of chronicles about Casa de Detenção.

1917 Overcrowding and shortage of funding triggered repeated outbreaks of diseases. There were 25 or more men being kept in cells designed to hold six. Of the 2,783 men inside Casa de Detenção, 1,700 were white, 413 were colored and 670 were black. Of the female prisoners, 61 were white, 45 were colored and 116 were black.

1920 Women got a separate wing with three large rooms: a dormitory, a bathroom and a laundry.

1922 and 1923 Journalist Orestes Barbosa wrote two successful books, *Na prisão* (Typ. Jornal do Comércio, 1922) and *Ban-ban-ban!* (Benjamin Costallat e Miccolis, 1923), both memoirs about his time at Casa de Detenção.

1924 Of the 1,065 people who entered the prison, 298 were political prisoners jailed after a series of armed uprisings that took place during the period.

1935 The number of political prisoners rose.

1964 Political activists were imprisoned after the military coup.

1968 The rate of imprisonment of political activists rose after AI-5 was passed.

1969 An armed gang helped a group of political prisoners to escape.

1979 33-day hunger strike for amnesty for political prisoners.

1984 Lemos de Brito prison contained around 600 inmates deemed highly dangerous

2001 Frei Caneca complex housed around 3,800 prisoners.

2004 The prison guards held a strike. In the middle of the night of June 4th, the day of the strike, drug traffickers from Morro do Zinco favela provided cover for six prisoners to escape from Frei Caneca.

2006 Lemos de Brito prison was shut down on December 1st, and its inmates were transferred to Gerico prison complex.

2010 On July 3rd, the last remaining construction of the Frei Caneca Prison Complex was imploded.

MARISA S. MELLO is a doctoral student in history at Universidade Federal Fluminense and director of Automati production company.

NIKON FM / D700; F: 5.6; T: 32 YEARS PAULO JABUR

The material from Frei Caneca prison exhibited here comes from three distinct periods. The first, *Prison*, is from 1979, and consists of pictures of the political prisoners' wing. The second, *Abandonment and Demolition*, dates from 2006, by which time the prison had already been shut down and partially imploded. The third phase, from 2011, is *Transformation*, showing the metamorphosis of the demolished material into new steel at Gerdau steelworks in Santa Cruz.

Having operated for 150 years, the prison has a history that harbours much more than just the period between 1976 and 1979 when political prisoners were incarcerated there during the military dictatorship. Yet even if all inmates go through great hardship, surely the experiences of this portion of the prison population were different from those of the majority of prisoners. Indeed, according to the rationale of the political repression of that time, which conducted its most brutal and lethal acts in clandestine or military basements, the arrival of a political prisoner at a civilian prison was virtually a guarantee of life. Added to which, the political circumstances at the time already indicated clear signs of decline in the forces in power and material advances of democratic forces. In the cracks opened up by this expanding political arena we moved from Ilha Grande to Frei Caneca and gradually saw an improvement in the conditions for survival until we reached the point where we could document our daily life in these images presented here. Despite the inherently claustrophobic atmosphere of a prison, the images mirror not so much the hope as the intuitive expectation of imminent freedom.

Meanwhile, towards the end of 2006, with the prison almost shut down and its implosion just a matter of time, the institution's second

phase of existence was recorded. The political prisoners' wing had long housed many other prisoners, not least law enforcement agents. But with the exception of a few changes to the common areas and the characteristic inscriptions on the walls, very little had really changed. The evident sense of abandonment of the place had not wiped out all the marks of the lives who had passed through its doors. Paradoxically, its empty, derelict appearance brings to mind many photos of overcrowded prisons we see so often in newspapers.

The *Transformation* phase was possible thanks to an invitation by Carlos Vergara. The space that was once confined between bars, gates and padlocks is now limitless, a huge mound of twisted steel and iron reaching up to the skies. Time, once so sluggish, now obeys a new master, the pace of production. It is curious to think of this process, where all that material so richly imbued not just with the human energy needed to produce it, but also symbolically with the energy and emotions of all the people who once lived there on both sides of the bars, will be smelted and turned back into steel, ready for a new and as yet unknown use. A tractor or a missile? A school or another prison? In a sense, it's down to each of us to take a moment to consider and decide.

PAULO JABUR is a photographer

PRISONS IN CONTEMPORARY SOCIETY LEARN THE OPINION OF PRISON MANAGERS AND SCHOLARS MARISA S. MELLO

When people are deprived of their freedom as punishment for criminal offenses, establishments have to be built to house those individuals who represent a risk to society. These penitentiary facilities may be police cells, prisons, low-security facilities, penitentiaries and secure psychiatric hospitals, where hundreds or thousands of people live together in a type of community, forming a controlled social system within free society.

Since as far back as the eighteenth century, prisons have marked a constant dividing line between what is normal and what is abnormal, and have been based on fear. Institutions are created with the task of measuring, controlling and correcting abnormal and deviant behavior, where individualization and isolation are used to physically mark out exclusion. The prison sentence was created at a time when punishment ceased to be the king's prerogative, but was taken on by society as its right to defend itself against those who represent a threat, especially to property and life.

Nowhere in the world have these surveillance and punitive practices resolved the issue of security or even reduced the number of crimes committed. Even so, governments continue to insist on building prisons to deal with offenders and transgressors, with the backing and will of society. Specialists and thinkers dedicated to the topic believe that this unwavering drive to incarcerate others does not rehabilitate or reintegrate people who have breached society's laws and customs.

Rio-born sociologist Julita Lemgruber believes that the prison environment must be kept as less cruel and inhumane as possible. She is one of the leading specialists on Brazil's prison system, having not only researched the topic, but also worked as director of the Rio de Janeiro state prison system from 1991 to 1994. In 2000 she was appointed the first police ombudsman in Rio de Janeiro state. She is now coordinator of Centro de Estudos em Segurança e Cidadania, a center devoted to the study of security and citizenship, which was formed at Cândido Mendes University in Rio de Janeiro in 2000. She has published books on the subject, including *Quem vigia os vigias* ("Who watches over the watchers") (Record, 2003) and *A dona das chaves* ("The owner of the keys") (Record, 2010). When asked whether her practical experience had made her review her position on the role of prison sentences in society today, Julita replied:

As far back as the 1970's I was already questioning whether prison sentences could work as an instrument of change or the "social reintegration" of men and women deprived of their freedom. After twelve years working inside the prison system, including as director-general, the doubt became a certainty. Sentences that deprive people of their freedom are punishments, pure and simple. And while prisons exist, it is the responsibility of the prison manager to make sure that the punishment is limited to the privation of freedom. Yet there are still situations in the country such as the one described by a public health specialist from Fundação Oswaldo Cruz, who visited the cells at a police station in Rio de Janeiro in 2004: "The conditions the detainees at this institution experience are of the utmost privation: overcrowding, lack of fresh air, promiscuity, stench, lack of any privacy, extreme discomfort. One could say that these inmates are undergoing a situation of physical and mental torture. The extent of the human misery imposed on these detainees is abhorrent and indescribable".

She goes on to underline the urgent need for a debate about the introduction of non-custodial sentences:

An English minister of justice once said that prison is an expensive way of making people worse. I couldn't agree more. Prison sentences are completely ineffective as a means of social control. They destroy individuals and families; they wipe out all self-esteem and basic notions of self-sufficiency; they turn petty thieves into hardened criminals; they do not teach respect for laws, nor do they deter crime, but rather cause recidivism; and they do not turn criminals into law-abiding citizens. Let us therefore reserve the prison sentence for dangerous and violent criminals, in the absence of other forms of social control. All other offenders can and should be punished with non-custodial sentences. And doing community service is the best of these.

"Prison is expensive, cruel and ineffective."

"I believe that if a person is not violent, they must be punished by providing free services to the community." Julita Lemgruber

The ideology of imprisonment is that prison has the capacity to punish, intimidate and rehabilitate, which is contradictory. To punish, you have to treat badly, but to rehabilitate you have to treat well, and there is nobody who can be rehabilitated through bad treatment. The removal of the prisoner's active role in society by blocking their contact with the outside world and controlling their behavior causes a sense of failure and stigmatization in society.

Unfortunately, experiencing prisons causes positive changes to the heads of those who visit them, but irreparable damage to those who serve time there." Têcio Lins e Silva

Têcio Lins e Silva believes that direct contact with a prison can affect and change the way people think far more than any academic study of the subject, and also highlights the catastrophic consequences for those who serve prison sentences. Têcio is a criminal lawyer, a militant litigation attorney working at different levels of court proceedings, a professor in penal law at Cândido Mendes University, and a full member of the Brazilian Institute of Attorneys:

This is one of the citizenship-related issues that least awakens people's concern, even those who have a broad take on the country. I have learnt that it really affects people, so much so that back at the time when I used to teach penal law in the undergraduate course in law, I would always set aside one day to take the students to visit a prison. This excursion would be worth more than a thousand lessons on the topic. To this day, over 30 years later, I bump into former students who say that the experience changed the way they thought about life. Unfortunately, experiencing prisons causes positive changes to the heads of those who visit them, but irreparable damage to those who serve time there. Great damage.

Another notable aspect of the history of prisons has to do with the experience of common prisoners sharing space with political prisoners,

especially during the periods when democratic rights were suspended. Têcio defended a number of political prisoners during the military regime, coming to understand what life was like behind bars, and highlights the difference in the treatment given to political prisoners and common prisoners:

The main difference had to do with the fact that those [political] prisoners were, in the main, from or closer to the ruling classes than the "common" prisoners. This particular difference was clearly why they were treated differently, although I would never dream of suggesting it was easy. The political prisoners sometimes suffered more than the others, depending on the circumstances and the period of the prison. I'm talking about the phase when political prisoners started serving their sentences in conventional prison facilities. I exclude the phase when prisoners were tortured in basements and held in military facilities, where they were deemed to be "enemies" and treated as such. A small experience of mine serves to illustrate my point. I clearly recall an old civil policeman who was a guard at the cells of DOPS, the Department of Social and Political Order, who used to say he had met a lot of prisoners who had gone on to become ministers, magistrates, politicians and leaders in the country, while he carried on there, a policeman and a jailer. That was the reason he gave for being less harsh and giving them a hand whenever he could...

STIGMA, CRIME E POVERTY

Commenting on the relationship between stigma, crime and poverty in a lecture given at the Rio de Janeiro Institute of Criminology (Instituto Carioca de Criminologia), French sociologist Loïc Wacquant clarifies how downtrodden people become even more impoverished when they are sent to prison:

Prisons are primarily institutions for the poor. Most inmates come from the working classes, and when they spend time behind bars they only get even poorer. The percentage of people who are unemployed when they enter prison is lower than the percentage who are unemployed when they leave. When they get out, they are in an even more disadvantaged economic position than they were when they went to prison. We also know that the negative impact of prison is not restricted to the prisoners themselves, but also affects their relatives and neighbors. So this argument that the criminal justice system helps solve problems of social instability is unfounded; on the contrary, it creates further social instability amongst the poorest classes.

From a legal viewpoint, in practical terms, criminal justice only reinforces the social nature of the problem:

The criminal justice system is actually just for poor people, not because it safeguards and protects them, but because it is only they that feel its power and its tremendous harshness. Experience shows that the better-off classes in society are virtually immune to the punishments meted out by the criminal justice system, easily getting out of their sentences at all levels, including through corruption. It is the people from poor neighborhoods that are in the firing line of the repressive police / court apparatus and who, when taken in, are all but crushed by the system.

These thoughts are expressed by a lawyer and full professor in penal law at the Federal and State Universities of Rio de Janeiro, former governor and vice-governor of Rio de Janeiro state, Nilo Batista, founder of the Rio de Janeiro Institute of Criminology. He is interested in the correlation between crime and social problems such as poverty and the unequal distribution of wealth, which he sets out clearly in his book, *Punidos e mal pagos* ("Punished and badly paid") (Revan, 1990), where he states that capitalism has used the criminal justice system to assure its supply of manpower and prevent the cessation of labor, criminalizing those poor people who are not converted into workers. Batista highlights the interest the crime control industry has in incarceration and the failure of the

prison term as a sentence, ever since first people reported on this experiment:

It should be a fairly straightforward, tension-free task to manage a prison. After all, for more than two centuries – since Howard, in 1794, – we have known all too well about the horrors of total institutionalization. If it were not for the interests of the powerful crime control industry, especially the punitive hospitality industry, the privation of freedom would be discredited as a sentence that, through reconviction, reproduces crime. When he was called utopian, Louk Husman sweetly replied that there could be nobody more utopian than someone who hoped to get anything out of prison. Prison has always been an abject failure, whatever the penitentiary regime, the training of the personnel, the building design, the judicialization of the execution of sentences, etc. This means the prison manager does not run many risks: he has that job where if everything goes wrong, that's when everything's all right.

"There is no such thing as a good prison. Prisons brutalize, belittle and degenerate."

"Prison was a structural phenomenon of capitalist society. It was necessary to control the useless elements of the old economy." Nilo Batista

FEAR AS A DRIVER FOR IMPRISONMENT

For a few scholars, like historian Vera Malaguti Batista, fear and the spread of fear in society is one of the main drivers behind the growing levels of incarceration we see today. A professor of criminology at Cândido Mendes University and secretary-general of the Rio de Janeiro Institute of Criminology, she has published a book on this topic entitled *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história* ("Fear in the city of Rio de Janeiro: two parts of a history") (Revan, 2003). She argues that when it comes to the relationship between fear and imprisonment, society and the state apparatus draw on people's feelings of insecurity to make sure people who threaten public order are punished and imprisoned. Fear becomes a factor in strategic decision-making in the economic, political and social spheres. She goes on to sketch out the historical relationship between the rise in fear, poverty and incarceration levels:

The criminalization of poor people has been a constant in Brazilian society. The reasons are what change. Historically, it was people that made others afraid who were criminalized: witches, heretics, anarchists, communists, runaway slave communities, Muslim slaves. In Brazil there have been two main historical milestones in this process, which are the extermination of the indigenous civilization and slavery. The manipulation of fear is at the heart of criminal discourse. The power to punish is intrinsically selective.

In this sense, fear becomes almost synonymous with poverty, since, as Vera points out:

There is a false position that relates criminality with poverty. The most conservative make this association, and it is equated in an almost offensive way with poverty. It is as if poverty produced criminality. Those who work from the perspective of critical criminology tend to say that poverty is criminalized. I look into this in my book, *Dificéis ganhos fáceis: droga e juventude pobre no Rio de Janeiro* ("Tough, easy gains: drugs and poor youth in Rio de Janeiro") (Revan, 2003).

"Prison of itself makes no sense. The levels of recidivism are very similar in Brazil and Sweden."

"Fear produces fantasies, like the one that the poor people in the favelas will swarm down the hillsides." Vera Malaguti Batista

In this research, Vera Malaguti Batista engaged in an analysis of cases heard between 1968 and 1988 involving adolescents imprisoned for drug-related problems, and showed how differently the boys were treated by the system depending on their social roots, race and neighborhood. One of the conclusions the author reached was that the differentiated treatment the boys received was not related to the drugs, but to the boys themselves. It was a strategy for controlling these youths from poor backgrounds:

Our criminal policy on drugs is just another part of a history of criminalization. In Rio de Janeiro, capoeira, samba and funk are cultural manifestations created in the favelas that are looked upon with a prejudiced, criminalizing eye.

"Impossible to figure out why we turned into puppets." Graciliano Ramos

RELEVANT FACTS

- The growth of the prison system in the last 15 years has been extraordinary: it has soared from around 110,000 prisoners in 1994 to almost 500,000 today, with an average rise in the prison population of 4-5% a year. Most of these people committed non-violent crimes.

- According to research by the United Nations Latin American Institute for the Prevention of Crime and the Treatment of Offenders (ILANUD), 70% of prisoners reoffend, meaning that they commit new crimes upon returning to free society.

- Data produced in 1993 by the Department of Prison Affairs, from the Secretariat for Citizens' Rights and Justice, under the auspices of the Ministry of Justice, show that:

- of the 126,000 prisoners in the country, almost all were men (97%), of whom 48% were serving time in police cells without having gone to trial;
- a total of 297 penal facilities (penitentiaries and public prisons) had a combined total of 51,600 places, which means there were on average 2.5 prisoners per prison place and a deficit of 74,500 prison places;
- every day, there are an average of two riots and three escapes;

- 175 establishments were in a critical state, and a further 130 were needed to prevent overcrowding. It costs an average of 3.5 minimum monthly wages to maintain one person in prison for one month.

- Around a million crimes are committed every year: 72% are theft or robbery and 28% are homicides, bodily harm, abortions, rapes, corruption, trafficking and possession of drugs.

- 68% of prisoners are less than 25 years old, and two thirds are black or colored (*mulato*); 89% do no productive work or regular labor; 76% are illiterate or semi-illiterate; 95% are poor; 98% cannot hire a lawyer.

- Around one third of the nation's prisoners are HIV positive.

- State of Rio de Janeiro, 2008:

There were 166.58 prisoners for every 100,000 inhabitants, representing growth of 2.56% in just one year. There were a total of 3286 agents working in the state's prisons, which housed a total of 25,625 inmates.

- Data from the Ministry of Justice, 2010:

Between 1995 and 2005, Brazil's prison population rose from 148,000 to 361,402, representing a 143.91% increase in a ten-year period. The annual growth rate oscillated between 10% and 12%. Since 2005, the annual growth rate has fallen to around 5-7% a year. Between December 2005 and December 2009 the prison population swelled from 361,402 to 473,626, representing a 31.05% rise in four years.

- Despite the fall-off in the annual incarceration rate, Brazil still has a deficit of 194,650 prison places.

H'O'PONOPONO – MEYOUYOUME BIA VERGARA

What strikes me most these days when I look at the world around me is to see how my fellow human beings have such repeated thoughts, such limited beliefs, and behaviors that are so conditioned by painful memories reflected from this great mirror called life. This world of FREEDOM, in which the artist brings up the possibility of exploding a prison, literally imprints on my being my own responsibility for everything that is around me.

I suggested to the artist that this publication should include the importance of some work already being done the world over which started with our Kahuna forefathers in Hawaii. Dr. Ihaleakala Hew Len, who is still alive, worked at Hawaii

State Hospital, which had a large wing occupied only by criminals and psychopaths. Having faced the same decadence in political, social and professional questions for many years, Dr. Len decided to put into practice an ancestral healing and forgiveness technique called ho'oponopono (to make right). Even though he never had contact with any of the inmates, the mentally ill started getting off their medications, and criminals that had not had the slightest chance of being released started being freed. The hospital wing no longer exists: it was closed down because there were not enough patients to fill it. And what did Dr. Len do while he was examining the patients' files? He just kept on repeating, over and over again: "I'm sorry, I love you," and again, "I'm sorry, I love you, I'm sorry, I love you, thank you..."

Peace begins with me and inside you. Forever united.

BIA VERGARA is a journalist and therapist.

O DEVIR

EDUARDO MASINI

There's a district in Rio de Janeiro I always used to go by when I was little and would think to myself: this is a place where at least once a year people are equal, happy, and sing their joy to the world.

It's a district that hosts one of the world's largest festivals each year: the Rio de Janeiro carnival. Thousands of people come together, free of prejudice, restraint and the rules that society imposes on us, to celebrate their worship of the gods of Carnival.

But what I never imagined, maybe because it was beyond my reality, was that just a few meters away, where joy was the order of the day, there was a parallel world – a pit of suffering. A place that represented the opposite of what I had always admired.

How could two situations, two such different places, be so close to one another?

Last year, accompanying my friend Vergara, I went to see the Frei Caneca prison after the first implosion. The only thing that remained of the original compound was a single wing. When I entered that unfamiliar world, I was taken over by a strange energy.

The moment I set foot in that former prison, even though it was empty and half destroyed, I felt a sense of abandonment that the people must have felt as they paid their dues to society. So strong was that energy that it took me to a reality that was entirely unfamiliar to me. A bizarre fantasy came to life just then; it was as if I heard the hallways crying and screaming. It all felt so real and frightening.

It was then, as I was taken over by this strong feeling, that I started to film each cell, each nook, each cranny. Little by little I discovered the private parts, the expressions of repressed desire, the occasional sex, the tools used in a bid to escape to a much dreamed of and almost always unattainable freedom, the letters that revealed unimaginable secrets, the evil and violence refined in that depraved environment.

But there were also signs of hope for a brighter future, of belief in salvation and sincere regret. All was not lost!

As I walked around the corridors, I imagined scenes that might have taken place there, the suffering of the prisoners' relatives, the fights and deaths that were such a common occurrence in these prisons.

At the same time that the partial implosion of the prison seemed to draw a line under that whole story, the part that still remained was as if it all resisted and refused to disappear.

And so, to offset everything I saw, I decided to try and convey a deceptive sense of peace and tranquility that the first moment of the implosion seemed to suggest. Yet as the show of destruction unfolded, that sense of comfort gradually turned to dust.

EDUARDO MASINI is a photographer and designer.

Com obras desenvolvidas a partir da implosão do Complexo Penitenciário Frei Caneca - o mais antigo do país - a exposição "Liberdade", de Carlos Vergara, concebida para o interior das Cavalariças da EAV Parque Lage e seu entorno, provoca questões sobre o conceito e a conquista da liberdade, tema presente na trajetória e obra do artista.

A opção de Carlos Vergara em trazer este projeto para o espaço das Cavalariças torna ainda mais vigoroso o resultado. A metáfora da prisão em um local que emana liberdade surge como ponto catalisador para a reflexão e discussão: o que a implosão não consumiu é visto em novo local. Portas de ferro que antes encarceravam, agora enquadram a paisagem exuberante da mata atlântica e, ao mesmo tempo, sustentam registros fotográficos fixados em superfícies transparentes.

O projeto contemplado pelo Edital de Artes Visuais da Secretaria de Estado da Cultura reitera o caráter flexível e dinâmico da área expositiva das Cavalariças, integrando a programação de exposições de longa duração, além da publicação bilingüe, tornando mais abrangente o alcance da programação da EAV Parque Lage.

Claudia Saldanha

Directora da EAV Parque Lage

"Liberdade" ["Freedom"] is an exhibition that was developed by Carlos Vergara around the implosion of Frei Caneca Prison Complex, the oldest in Brazil. Conceived specially for the Cavalariças (former stables) and surrounding areas at EAV Parque Lage, the show prompts questions about the concept of freedom and its attainment – a theme that runs through the artist's career and work.

Vergara's choice of Cavalariças as the setting for this project makes the final outcome even more instigating. By presenting prison as a metaphor in a place that literally exudes freedom, it sparks reflections and discussions, with the material left over after the implosion now reappearing in a new context. Iron doors that once locked people away now frame the lush rainforest landscape, while also providing a support for photographic records fixed to transparent surfaces.

One of a series of long-duration exhibitions that again demonstrates the flexibility and dynamism of the Cavalariças exhibition space, the project received visual arts funding from the Rio de Janeiro State Department of Culture. The publication that accompanies it is bilingual, making the events at EAV Parque Lage accessible to an ever wider audience.

Claudia Saldanha

Director of EAV Parque Lage

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

GOVERNADOR | GOVERNOR
Sérgio Cabral

VICE-GOVERNADOR | VICE-GOVERNOR
Luiz Fernando Pezão

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

SECRETÁRIA DE ESTADO | SECRETARY FOR CULTURE
Adriana Scorzelli Rattes

SUBSECRETÁRIA DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS | UNDERSECRETARY FOR INSTITUTIONAL RELATIONS
Olga Campista

SUBSECRETÁRIO EXECUTIVO | EXECUTIVE UNDERSECRETARY
Luiz Zugliani

SUBSECRETÁRIA DE AÇÃO CULTURAL | UNDERSECRETARY FOR CULTURAL ACTION
Beatriz Caiado

SUPERINTENDENTE DE ARTES | ARTS SUPERINTENDENT
Eva Doris Rosental

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

DIRETORA | DIRECTOR
Claudia Saldanha

COORDENADOR ADMINISTRATIVO | ADMINISTRATIVE COORDINATOR
Herbert Hasselmann

COORDENADORA DE ENSINO | EDUCATION COORDINATOR
Tania Queiroz

COORDENADORA DE PROJETOS | PROJECT COORDINATOR
Izabela Pucu

ASSISTENTES DE ADMINISTRAÇÃO | ADMINISTRATION ASSISTANTS
Maria Carmen Lomar
Sergio Couto

ASSISTENTES DE ENSINO | EDUCATION ASSISTANTS
Cristina de Pádula
Lucas Leuzinger

ASSISTENTE DE PROJETOS | PROJECT ASSISTANT
Clarisse Rivera

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA ESCOLA DE ARTES VISUAIS – AMEAV

PRESIDENTE | PRESIDENT
Paulo Albert Weyland Vieira

1º VICE-PRESIDENTE | 1ST VICE-PRESIDENT
Márcio Botner

2º VICE-PRESIDENTE | 2ND VICE-PRESIDENT
Guilherme Gonçalves

CONSELHEIROS | BOARD MEMBERS
Ernesto Neto
Fábio Szwarcwald

LIBERDADE | FREEDOM

Um projeto de | A project by
Carlos Vergara

ARTISTAS CONVIDADOS | GUEST ARTISTS
Paulo Jabur
Eduardo Masini
Toz

EAV Parque Lage, Rio de Janeiro
21 de maio a 7 de agosto de 2011
May 21st to August 7th, 2011

ATELIÊ CARLOS VERGARA

COORDENAÇÃO | COORDINATION
João Vergara

MUSEOLOGIA | MUSEOLOGY
Ludmila Costa
(museóloga | *museologist*)
Ana Carolina Vigorito
(museóloga auxiliar | *assistant museologist*)
Anna Carolina Renne
(estagiária de museologia | *museology intern*)

ASSISTENTES DO ARTISTA | ARTIST'S ASSISTANTS
Anna Gama
Daniel Sobral

ASSISTENTE DO ARTISTA NA 1ª FASE DO PROJETO | ARTIST'S ASSISTANT DURING THE 1ST PHASE OF THE PROJECT
Ana Macedo

SERVIÇOS GERAIS | GENERAL SERVICES
Waldinéia de Almeida Ricardo
Antonio Luiz Justo

www.carlosvergara.art.br

PRODUÇÃO | PRODUCTION
Suzy Muniz Produções

PROJETO GRÁFICO | GRAPHIC DESIGN
Rara Dias e Paula Delecave

FOTOS | PHOTOS
Carlos Vergara (p.1,2,28)
Eduardo Masini (p.4-7, 12-15, 20,23)
João Vergara (p.3,8-11)
João Linhares (p.22)
Marina B. Valença
Paulo Jabur (p.18,19)
Ricardo Kimaid (p.22)

TRATAMENTO DE IMAGENS | IMAGE PROCESSING
Marina B. Valença

PROJETO DE ILUMINAÇÃO | LIGHTING PROJECT
Tomás Ribas

CENOTÉCNICO | SET DESIGN
Claquete cenografia

EDIÇÃO DE CONTEÚDO PARA O JORNAL | COPY EDITING FOR THE NEWSPAPER
Marisa S. Mello

TEXTOS | TEXTS
Bia Vergara
Eduardo Masini
Frederico Coelho
Marisa S. Mello
Moacir dos Anjos
Paulo Jabur

VÍDEO DE | VIDEO BY CARLOS VERGARA
DIREÇÃO | DIRECTORS
Fernanda Scalzo
Inês Vergara
EDIÇÃO | EDITOR
Antonio Porto
IMAGENS | IMAGES
Fábio Sefarty
João Vergara
Marina B. Valença

VÍDEO DE | VIDEO BY EDUARDO MASINI
DIREÇÃO | DIRECTOR
Eduardo Masini

MONTAGEM | MONTAGE
Bruno F. Duarte
TRILHA SONORA | SOUNDTRACK
Felipe Velloso

VÍDEO DE | VIDEO BY PAULO JABUR
IMAGENS E ROTEIRO | IMAGES AND SCRIPT
Paulo Jabur
EDIÇÃO | EDITOR
Antonio Porto
TRATAMENTO DE IMAGENS | IMAGE PROCESSING
Marina B. Valença

ASSESSORIA DE IMPRENSA | PRESS OFFICE
CW&A Comunicação

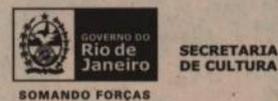
REVISÃO DE TEXTOS | PROOFREADER
Rosalina Gouveia

VERSÃO EM INGLÊS | TRANSLATOR
Rebecca Atkinson

AGRADECIMENTOS | SPECIAL THANKS

Álvaro Piquet
André Porfiro
Bia Vergara
Carlos Pini
Daniela Pedras
DEGASE
Emílio Medina
Fabio Bruno Construções Ltda
Fernanda Scalzo
GERDAU
Inês Vergara
Julita Lemgruber
KLABIN
Maneco Müller
Marcos Flaksman
Moacir dos Anjos
Nilo Batista
Rafael Wolny
RIOSOLIDARIO
Secretaria de Estado de Habitação – Governo do Estado do Rio de Janeiro
Silviano Santiago
Studio Alfa Artes Gráficas Ltda
Suzy Muniz
Técio Lins e Silva
Tómas Ribas
Vera Malaguti

patrocínio | sponsorship



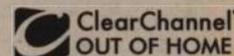
apoio institucional | institutional support



produção | production

suzy muniz
PRODUÇÕES

promoção | promotions



apoio institucional | institutional support



apoio | support



